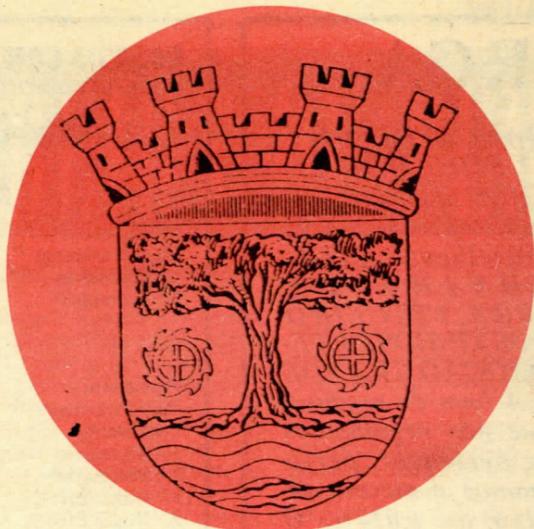




PORTE PAGO

# Jornal de



# CASTANHEIRA DE PÊRA

**MENSÁRIO REGIONALISTA INDEPENDENTE**

Director: HERLÂNDER MACHADO

Director-adjunto: ANTÓNIO JOSÉ DE MATOS

**FREGUESIAS  
DE CASTANHEIRA DE PÊRA  
E COENTRAL**
**CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA**

## EDITORIAL

### UNIDOS SOMOS UMA FORÇA

Ser regionalista não é suscitar rivalidades perniciosas entre os homens de povoações diversas. É, tão somente, querer pugnar pelo progresso da nossa região, aproveitando os ensinamentos advindos da nossa e da experiência dos outros.

Ser regionalista é conjugar esforços, unir potencialidades, harmonizar em convergência todas as energias de um povo — e banir egoísmos particularistas.

É cimentar laços de amizade, fomentar compreensão, vencer tendências para acrimónia.

Porque assim o en-

tendemos, nós vemos no regionalismo um ideal que merece carinho e devoção e não negamos o nosso esforço para a defesa dos seus desígnios.

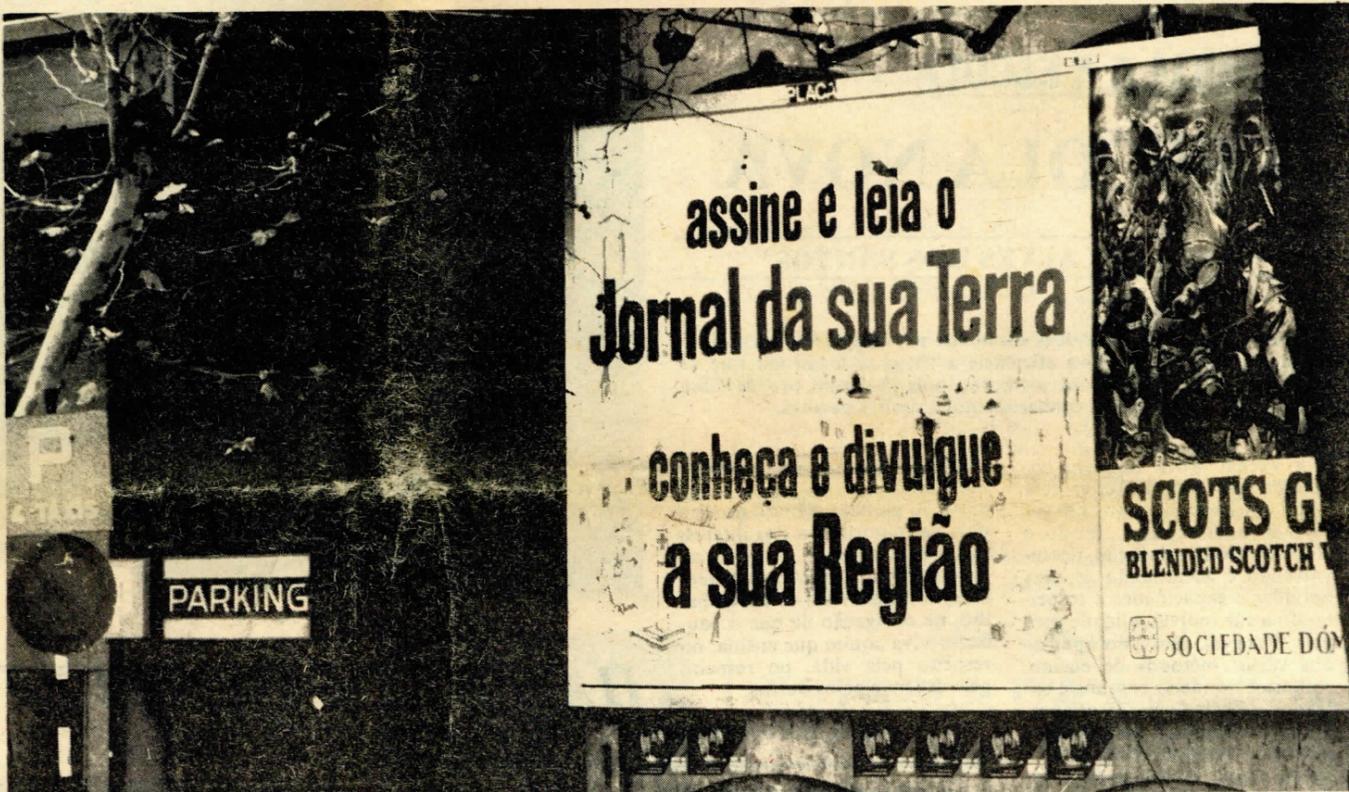
E consola-nos saber que há em cada homem — mais ou menos latente — a chama altaneira e fecunda do verdadeiro regionalismo.

Longe ou perto da terra natal, o regionalismo vive intensamente o seu idealismo, permitindo-lhe o recrudescimento à medida que a distância o separa da região onde se criaram as raízes do seu ser. E a própria saudade vem muitas vezes asso-

(continua na pág. 2)

**ESPALHADO PELAS CIDADES DE PORTUGAL**

## ESTE CARTAZ É UMA INICIATIVA FELIZ



## perspectivas

### UM ANO DEPOIS

**ANTÓNIO MATOS**

Ocorreu este mês, em todo o país, a Semana dos Seminários. Foi de sete a catorze. Este facto trouxe-me à lembrança o que presenciei este Verão. Encontrava-me a passar uns dias de férias bem longe daqui. Certa tarde, dizem-me haver Missa de sufrágio, em aldeia próxima, por um colega meu conhecido e que a morte ceifara, fazia precisamente um ano, em pleno trabalho apostólico, quando se encontrava na casa dos cinquenta, e paroquiando essa aldeia havia mais duma dezena de anos. A Missa era na Igreja Paroquial.

À hora estabelecida, dá-se início à celebração, mas o templo estava quase deserto. Os concelebrantes eram sete, os participantes dezasseis. Cinco homens, dos quais um jovem e onze mulheres, das quais uma jovem também. Isto deixou-me uma magoada impressão, por isso o recorde neste mês em que se vive a Semana dos Seminários.

O facto de um padre estar tantos anos numa terra, de a morte o levar em pleno trabalho apostólico e de, apenas um ano depois, estar esquecido, ao ponto de só escassas pessoas estarem suficientemente motivadas para participarem numa celebração em seu sufrágio, não pode deixar de ser interpelador. Não sei se será sinal de falta de fé, de falta de gratidão, de falta de apreço pela missão do padre, ou de qualquer outra coisa. Mas o facto aí está, simples e enigmático. Nem interessará saber se aquele é a regra ou a excepção. Ele é demasiado eloquente para dispensar outros elementos. Volvido só um ano sobre a morte do seu pároco, tínhamos uma freguesia indiferente à sua memória, incapaz de corresponder ao apelo para participar numa celebração de sufrágio. Como excepção à atitude geral, o reduzido número de dezasseis pessoas que ali estavam, fiéis, dedicadas, firmes. Daqui por outro ano, daqui por uns anos, quantas estarão?

A atitude desta comunidade para com o seu pároco — comunidade que não será única — torna-se de facto inquietante. Não estará também em semelhantes atitudes, e em boa medida, a causa de acentuada falta de vocações para o sacerdócio? Conhecidos como são, a sensibilidade da juventude relativamente às ideias do seu tempo e o seu espírito crítico e observador para com o comportamento dos adultos, as atitudes de indiferença, quando não mesmo de hostilidade latente ou manifesta, para com quem dedicou uma vida inteira ao serviço dos outros, serão de molde a motivar e incentivar os jovens na concretização duma vocação sacerdotal?

E é curioso verificar que também estas comunidades, cuja atitude generalizada é de indiferença, pretendem um padre ao seu serviço, mesmo que não haja memória de terem algum, sentindo-se até diminuídas se o não tiverem. Só que será justo perguntar, em termos meramente humanos, que direito lhes assiste para tal pretensão.

Estou em crer que, sem uma profunda e generalizada mudança em sentido positivo, da atitude das comunidades cristãs relativamente aos seus padres, não se poderá esperar uma alteração sensível no que toca a vocações para o sacerdócio. Isto, evidentemente, sem esquecer outros factores que também condicionam e motivam a presente situação. Se é certo que, segundo o adágio popular, "ninguém tem mais do que merece", não se poderá concluir que, na generalidade, as comunidades cristãs — ou como tal consideradas — terão merecido a actual situação e até para ela terão contribuído em não pequena medida? A fé e a graça não substituem a natureza, isto é, nunca dispensam os homens de fazer o que lhes compete. Isto também no tocante às vocações.

(continua na pág. 2)

## A AUTARQUIA

**J. C. DUARTE**

Autarquia significa, como todos sabemos auto-governo. Ou auto-suficiência ou auto-gestão. Já Aristóteles dizia que a caracterização de uma sociedade perfeita consistia precisamente nesta autarquia, isto é, no modelo de uma comunidade que de si mesma recebe o seu poder e que é capaz de com os seus recursos, responder às suas necessidades fundamentais.

A autarquia é uma comunidade de iguais em que as funções se diversificam apenas para que melhor se alcancem os objectivos considerados essenciais. O poder, como uma das funções necessárias a qualquer grupo humano, resulta também ele de uma escolha entre iguais, com a deputação temporária do poder que cada um detém. Cada membro da comunidade e o seu conjunto é assim a única fonte de poder. Este é por isso uma função circular, a começar na dignidade do cidadão e a nele terminar.

O poder localizado em pequenas comunidades torna-se assim o paradigma de todo e qualquer poder. A qualidade do poder descobre-se mais e experimenta-se melhor nas pequenas comunidades com dimensionamento humano — o que nós poderíamos chamar o poder com um rosto ou o rosto do poder — do que na-

queles conjuntos em que, por demasiada grandeza e por demasiada complexidade, a relação humana não só se perde como se torna impossível.

A participação autárquica ou a comparticipação autogestionária, não só na realização de tarefas mas também na definição dos objectivos e na escolha dos mais capazes de os efectivar, aparecem assim como aquela componente mínima, abaixo da qual a dignidade humana deixa de efectivamente se poder realizar. Qualquer forma de caciquismo — cultural, religioso, económico-financeiro, psicológico ou outro — é a negação do espírito autárquico e da filosofia política que lhe está subjacente.

O cacique é aquele que julga que os (seus) fins justificam os meios, servindo-se para isso das

(continua na pág. 2)

**CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA — CONCELHO DE CASTANHEIRA DE PÊRA**

# UNIDOS SOMOS UMA FORÇA

(continuação da pág. 1)

ciar-se ao sentimento regionalista.

É guiado pela saudade que o emigrante cria no estrangeiro algumas associações regionalistas. Dir-se-ia que nas reuniões de conterrâneos, realizadas à distância, há um retorno ao lar e uma entrega ardorosa, veemente, à saudade do berço, criadora da sofreguidão indizível pela seiva das raízes ancestrais representadas pela imagem da terra onde se articularam as primeiras palavras.

Também Lisboa, a decantada "terra das muitas e des-

vairadas gentes", alberga nas suas tortuosas vielas e no desafogo das suas modernas avenidas, muitos homens nascidos na província.

Partem — tantas vezes! — ao sabor da aventura, dispostos aos maiores sacrifícios, contando unicamente com o vigor dos seus braços e com o volume da sua esperança.

É um autêntico êxodo!

Uns, têm sorte e vêem crescer as economias, começam a sentir o poder do dinheiro e a considerar a importância excessiva dos bens mate-

riais para se ser apelidado de ALGUÉM.

Outros, menos felizes, desenvolvendo igual ou maior esforço do que os triunfadores, permanecem na modéstia, sem poderem realizar o entesouramento desejado desde a sua partida da aldeia ou da vila.

Para uns e outros se foram criando as Casas Regionais, em prolongamento das suas terras, para continuidade de amizades juvenis.

— UNIDOS SOMOS UMA FORÇA!  
— É esta, também, a divisa regionalista da CASA DA CO-

**MARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS** que, em Lisboa, representa três concelhos: **CASTANHEIRA DE PÊRA, FIGUEIRÓ DOS VINHOS DE PEDRÓGÃO GRANDE**

A bem da região a que nos orgulhamos de pertencer, perfilhamos a mesma divisa de união. O **JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA** defende esses designios, pratica semelhante ideal, professa idêntico regionalismo — crê, sim, que **UNIDOS SOMOS UMA FORÇA!**

HERLÂNDER MACHADO

## CASA DA COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

SEDE: LARGO DO INTENDENTE, 45, 1.º — LISBOA-1

### CORPOS GERENTES PARA 1982

#### ASSEMBLEIA GERAL

Presidente	— Álvaro Francisco Reis
Vice-Presidente	— Franklim Costa
1.º Secretário	— Joaquim Caetano David
2.º Secretário	— António Santos Estevão Castro

#### DIRECÇÃO

Presidente	— Álvaro Henriques dos Santos
Vice-Presidente	— César David Joaquim
Tesoureiro	— José Carlos Simões Santos
1.º Secretário	— Miguel Bastos Lopes
2.º Secretário	— João Carvalho
1.º Vogal Efect.	— António da Fonseca
2.º Vogal Efect.	— José dos Santos Pelloiro
1.º Vogal Supl.	— João Manuel S. Roda
2.º Vogal Supl.	— Armando Dias

#### CONSELHO FISCAL

Presidente	— Pedro João Pereira Coutinho Gomes
Secretário	— Manuel Silões Branco
Relator	— Domingos Rodrigues
Suplente	— José Baptista César

#### DELEGADOS A FEDERAÇÃO

Efectivo	— Eduardo da Fonseca Santos
Suplente	— Miguel Bastos Lopes

## A FAMÍLIA E A ESCOLA

# A ESCOLA NOVA

GUALTER ALVES DOS SANTOS

Ouvem-se por vezes, críticas aos novos métodos de ensino, pondo-se mesmo em causa a sua eficiência e chega-se a afirmar que os métodos tradicionais são os melhores, pois já deram provas disso permitindo a aquisição de conhecimentos a muitas pessoas.

A Escola Nova também conhecida por Escola Activa tem como objectivo precisamente valorizar o educando, tendo-o como centro de educação, desenvolvendo e acentuando as suas aptidões e capacidades e respeitando a sua individualidade própria. Para tal, têm sido apontados vários métodos de ensino, embora com ideias comuns e baseados na psicologia da criança, no aproveitamento da sua energia tanto manual, intelectual e social, como do seu poder criador, na não-directividade do adulto, na auto-disciplina, isto é, no respeito pela individualidade da criança e pela ligação à vida.

Podemos distinguir tais métodos em: métodos didácticos, intuitivos e activos.

Os métodos didácticos assentam na ideia de que a criança veio ao mundo desprovida de toda a noção do bem e do mal sendo por isso necessário inculcar-lhe essa noção para que possa servir-se dela nas suas relações com os outros seres humanos e de acordo com imperativos de convivência social.

Os métodos intuitivos da não directividade pretendem que a criança a partir das suas experiências adquiram uma moralidade natural. Não se impõem quaisquer regras ou normas de conduta, não se conhecem horários, programas ou formações de turmas. Os professores tomam um papel de meros companheiros tendo os alunos quase uma liberdade absoluta.

Os métodos activos, pelo contrário visam criar no espírito do aluno a verdadeira liberdade com sentido de responsabilidade e de justiça.

O trabalho em grupo permitir-lhes-á a tomada de consciência e preparação para mais tarde trabalharem em grupo. Estes métodos estão hoje em dia a ser muito utilizados principalmente em Inglaterra e será bom que não só os estabelecimentos de ensino os apliquem, mas também, e por maioria de razão as famílias. A sua importância pedagógica é enorme e assenta fundamental-

mente no facto de que o desenvolvimento mental da criança parte do global e não do pormenor, na importância dos interesses espontâneos da criança, na necessidade do jogo natural tendente a transformar-se em trabalho, na obrigação de que o educador viva aquilo que ensina, no respeito pela vida, no respeito pela ordem e pelos outros.

GUALTER SANTOS



## HÁ FALTA DE TELEFONES S.O.S.

### NA ESTRADA DA SERRA DA LOUSÃ

JOAQUIM BARRETO BARATA

Ao circularmos através da estrada da Serra da Lousã, deparamos com uma triste realidade, que é a falta de telefones S.O.S., ao longo da mesma.

Como já tivemos ocasião de reparar, os ditos telefones estão em certos casos instalados muito próximo das povoações, portanto onde menos se justificaria a sua existência, relativamente aos automobilistas e aos condutores doutros veículos.

Pelo contrário, na estrada da Serra da Lousã, esses telefones não existem e fazem muita falta,

pois, se houver um acidente, as consequências poderão ser muito graves, devido à grande distância que se tem de percorrer para arranjar o socorro necessário. A Serra da Lousã é um local ermo onde se encontra pouco tráfego de automóveis, mas, mesmo assim, os acidentes verificam-se frequentemente; por isso, cada vez mais se nota a falta dos ditos telefones ao longo da estrada da Serra.

Fica aqui o alerta. O resto agora pertence às entidades a quem compete a resolução deste problema.

J. C. DUARTE

**LEIA  
ASSINE  
E  
DIVULGUE  
O JORNAL  
DE  
CASTANHEIRA  
DE PÊRA**

## A AUTARQUIA

(continuação da pág. 1)  
condições favoráveis de momento e tendo como pressuposto a ignorância e a inferioridade daquelas a quem se quer impor.

Evidentemente que autarquia não se reduz a estes problemas formais do seu funcionamento. Mas o que também é evidente é que se estes pressupostos formais não forem respeitados, todo o seu espírito fica viciado logo na sua raiz.

A promoção da dignidade radical do homem e a promoção da sua consciência, sobretudo na descoberta do sentido comunitário, são as atitudes pedagógicas que, sem paternalismos viciados e sem estilo de comícios, mas antes como uma festa de dignificação, devem inspirar toda a necessária participação na vida da **res-pública**, para que a utopia positiva e sã tornando realidade quotidiana, sem possibilidade de regresso a esquemas de menor idade cívica.

## JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA

Mensário Regionalista Independente

Publica-se no último dia de cada mês

Director — Herlânder Machado  
Director-Adjunto — António José de Matos  
Administrador — Belarmino Henriques Correia  
Chefe da Publicidade — Jorge Pimentel Ladeira

Colaboradores:  
Amadeu de Almeida Joaquim  
António de Jesus Ramos  
Joaquim Cardoso Duarte  
José Cláudio Antunes  
José Manuel Machado Fernandes  
Zilda Candeias Varandas

Propriedade — Herlânder Alves Machado  
Composição e Impressão  
Empresa do "Jornal do Comércio"  
LISBOA

JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA  
Valinho  
Apartado 13  
3280 Castanheira de Pêra  
Delegação LISBOA  
R. Palma, 163-1.º Esq.  
1100 — LISBOA

#### Correspondentes:

Coentral — José Alves Barata  
Camelo — Manuel Caetano  
Pêra — Pompílio Antunes  
Palheira — Adelino Marques  
Sapareira — Gualter Fernandes  
Vilar — Eurico Pardinha  
Gestosa Cimeira — Aníbal Tavares  
Gestosa Fundeira — Porfírio Alexandre  
Fontão — Porfírio Cepas  
Trovisal — Isaltino Conceição  
Carregal — Filipe Carvalho  
Moita — Rui Santos  
Sarzedas — Arlindo Silva

Correspondentes no Brasil:  
Eduardo Coelho

## UM ANO DEPOIS

(continuação da pág. 1)

Só Deus pode ser segurança para o homem e, com maioria de razão para o homem-padre. É falsa toda a segurança fundamentada exclusivamente nos homens. Ser padre é tarefa que só se poderá aceitar na fé, e como expressão da fé, que leva à doação e compromisso duma vida inteira que deverá ser vivida na fidelidade a Deus e aos homens.

Transpostos os umbrais desta experiência, aquele padre terá, mais uma vez, verificado — com os seus colegas perante a igreja vazia — toda a verdade da palavra do salmista: "O senhor é a parte da minha herança e do meu cálice, Ele é que me há-de dar a recompensa". Só que, se esta há-de ser a inabalável certeza do padre, ela em nada desculpa, e menos ainda

dispensa uma correcta atitude dos cristãos para com ele. Por isso, verificamos que vai sendo cada vez maior o número de cristãos e de comunidades cristãs que dão ao padre o devido apreço, que o estimam, apoiam o seu trabalho, colaboram, quase o consideram como de família. Mas, para isto ser a generalidade, há ainda muito que andar e uma mentalidade a refazer. As atitudes dos cristãos não podem ser as mesmas de quem não tem fé ou é mesmo hostil. As suas atitudes devem ser melhores.

A Semana dos Seminários, que este mês ocorreu, tem como finalidade contribuir também para esta melhoria de atitudes.

# ACONTECEU NA RIBEIRA DE PÊRA

## PÊRA

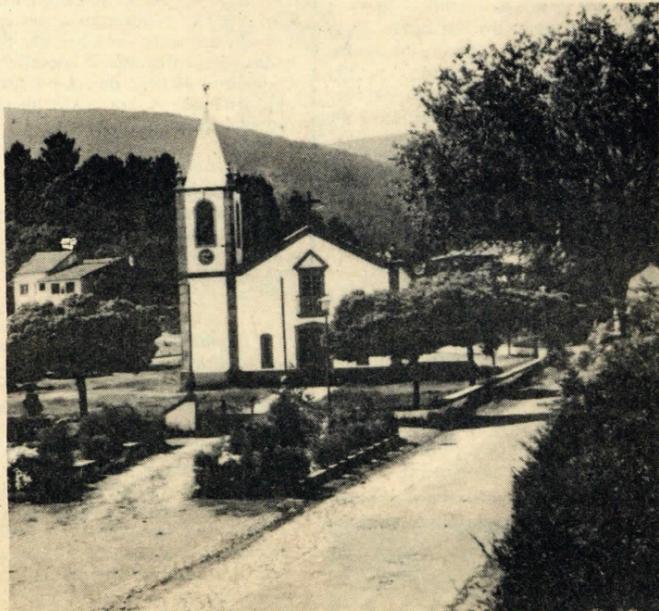
### CENTRO RECREATIVO

O Centro Recreativo União Perense é também notícia e sobre ele muito havia para dizer. Todavia irei colher dados para oportunamente o relatar com pormenores que julgo merecem ser focados. De momento um pequeno apontamento sobre o tão conhecido Centro de Pêra.

Está praticamente inactivo desde que se iniciaram as obras há uns tempos a esta parte.

Abordados que foram os elementos da Direcção, explicaram bem o grande número de problemas que se lhes deparam. Com bastantes dificuldades fi-

nanceiras, lançaram mãos a uma obra que era urgente realizar já porque o telhado necessitava de uma reparação, já porque a somar a todas as actividades funciona ali uma biblioteca fixa da Fundação Calouste Gulbenkian que era imperativo alargar. Com um pequeno montante que tinham em caixa e com o precioso auxílio de alguns associados que emprestaram dinheiro ficando em troca e como garantia com cautelas, principiaram o projecto cujo valor ultrapassou as perspectivas. Foi aumentado um andar ao edifício e mexeu-se numa grande parte da estrutura interior.



Esta estrada reveste-se de grande interesse para as povoações de Eiras, Ribeira Velha e Póvoa, do concelho de Figueiró dos Vinhos, e para a povoação do Fontão, do concelho de Castanheira de Pêra, isto para já não falar da ligação que proporciona entre a estrada Coimbra-Tomar e a Estrada Nacional n.º 2, ligação que se espera venha a beneficiar bastante a nossa região.

A Estrada do Espinhal, como é conhecida entre nós, foi planeada em três fases. Uma do Espinhal às Relvas, outra das Relvas a Pé

de Janeiro e a última de Pé de Janeiro a Castanheira de Pêra, esta numa distância de cerca de oito quilómetros.

Graças ao esforço de várias entidades empenhadas na obra, foi possível passar das palavras aos actos. Queremos aqui deixar uma palavra de grande apreço a todos os proprietários que quiseram colaborar nesta obra, não pondo qualquer obstáculo ao corte das suas propriedades.

Esperamos voltar a este assunto num dos próximos números.

## 54.º ANIVERSÁRIO DA AGÊNCIA DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS EM CASTANHEIRA DE PÊRA

Ocorreu, no passado dia nove, o 54.º aniversário da inauguração da Agência da Caixa Geral de Depósitos em Castanheira de Pêra, efeméride que se verificou no dia de Novembro do ano já distante, de 1928.

Era, ao tempo, presidente da Câmara Municipal o Senhor Dr. José Fernandes de Carvalho, que

não se poupou a esforços de toda a ordem, para que tal se verificasse, numa altura em que era sempre difícil conseguir-se o que quer que fosse.

Actualmente, a Agência da Caixa Geral de Depósitos está instalada em moderno e belo edifício próprio, numa das zonas mais centrais da nossa vila, possibilitando a quantos procuram

os seus serviços todos os modernos requisitos de comodidade e funcionalidade, que se tornam ainda mais salientes pela cortesia e amabilidade dos seus funcionários.

A sua dinâmica Gerência e a todos quantos trabalham na Agência da Caixa na nossa vila, apresentamos as nossas felicitações pelo feliz aniversário.

Segundo o parecer de um dos directores que como qualquer dos outros se mostrou aberto e franco, o tardar de subsídios prometidos, o quase parar das quotizações fruto da mencionada inactividade, a paralisação das receitas várias (bar, sala de espectáculos, etc.), são sem dúvida as causas que levaram o Centro a ter que parar.

Mercê destas dificuldades não está tão perto, como seria desejo de todos os associados e perenses em geral, a meta pretendida ou seja a ultimização das obras do Centro.

Como referi, farei uma abordagem directa num próximo

número do nosso Jornal, pois que é intenção dos elementos directivos do Centro apresentar uma lista de todos os associados que contribuíram para esta importante obra. Não será também esquecido falar sobre a biblioteca e sala de leitura que lhe é anexa, bem como todo um desenvolvimento cultural e recreativo que se pretende seja desenvolvido neste Centro.

Terminarei com um apelo a todos os jovens de Pêra para que comecem a ter interesse pelo Centro, gastando o seu tempo livre tantas vezes desperdiçado, por uma obra que é de todos.

AMADÉU ALMEIDA JOAQUIM

## AMILCAR SANDINHA

Advogado  
Arganil — Lousã

Telefs. Escrit. 99172  
Resid. 99436

Às Sextas-feiras  
em Castanheira de Pêra  
Telef. 44373

## PALHEIRA

No alvorecer de mais um jornal em Castanheira de Pêra, seja-me permitido que dirija uma saudação amiga aos seus dirigentes que tal iniciativa tomaram e a tornaram numa realidade.

É pois, mais um amigo que mensalmente nos visita, e defende os nossos interesses. Mas para que tudo isso possa ser como certamente todos nós desejamos, também se torna necessário que este jornal não seja só lido, seja também divulgado e assinado.

Se cada um de nós arranjar

**LEIA  
O JORNAL  
DA SUA  
TERRA**

tendo incorporado elevado número de pessoas.

"Jornal de Castanheira de Pêra", apresenta à família enlutada sentidas condolências.

### FALECIMENTO

#### MARIA GUILHERMINA

Com 90 anos de idade faleceu neste lugar no passado dia 21 de Outubro, a Sr.ª D. Maria Guilhermina.

Pessoa muito estimada por quantos com ela conviviam, a sua morte foi muito sentida. Era irmã da Sr.ª D. Cesaltina Tomé.

O seu funeral que teve lugar no dia imediato para o cemitério desta localidade, constituiu manifestação de pesar, nele se

## FONTÃO

### FINALMENTE A ESTRADA DO ESPINHAL

Depois de quase duas gerações falarem da tão desejada Estrada do Espinhal, aí temos um sonho quase transformado em realidade. Estão em vias de conclusão as obras de terraplanagem e o traçado desta estrada. O resto virá com o tempo, pois será de fácil conclusão, desde que não faltem os meios para isso.

## da VILA

### BENÇÃO DA PARTE NOVA DO CEMITÉRIO

Desde há tempos que o cemitério de Castanheira de Pêra vinha manifestando-se insuficiente para as necessidades actuais, insuficiência que se acentuava com o passar dos anos. Assim foi resolvida a sua ampliação, que terminou no Verão passado.

Por concerto entre a Câmara e a Paróquia, foi determinado o dia 14 de Novembro — dia da Festa das Almas — para a bênção da parte nova do cemitério, o que aconteceu efectivamente, pelas dezasseis horas e trinta, na continuação da tradicional procissão ao cemitério, em que participaram muitas centenas de pessoas, bastantes das quais estiveram também na bênção da parte nova.

Com este acto, expressão da fé cristã, pode dizer-se que a vila ficou com este problema, de algum modo, resolvido.

## BOLO REI

A melhor qualidade  
O melhor preço

**Firma SANTOS E MARTINHO Lda.**  
saúda os seus clientes e público em geral, nesta quadra festiva

Telef. 44195  
CASTANHEIRA DE PÊRA

## Mini Mercado ESTRELA DA AVENIDA

De Ilda Maria T. F. Paulo

Peixaria, Charcutaria, Frutaria, Merceria e Secção de Brinquedos

Av. S. Domingos  
Telef. 44311  
3280 CASTANHEIRA DE PÊRA

## CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

### DEPÓSITOS À ORDEM:

(Contas Individuais: Simples ou Conjuntas)

Saldos até 150 000\$00 ..... 4%  
No excedente ..... 2%

### DEPÓSITOS A PRAZO:

De 30 até 90 dias ..... 11%  
De 91 até 180 dias ..... 15%  
De 181 até 365 dias ..... 21,5%  
De 366 até 730 dias ..... 23%

(Quantias com limite mínimo de 5000\$00)

### CRÉDITO

Sector Público  
Predial  
Industrial  
Agrícola

## NOTÍCIA

Castanheirense

**VILA**

**MANUEL AUGUSTO TEIXEIRA**

Após melindrosa operação cirúrgica à que foi submetido numa casa de saúde em Coimbra, já se encontra na sua residência nesta vila, este nosso amigo.

Desejamos-lhe franco restabelecimento.



**PÊRA**

**OBRAS DE BENEFICIAÇÃO DA CAPELA**

Um dos melhoramentos mais importantes que, ultimamente, veio enriquecer o património deste lugar, é o que se refere às obras da capela.

Com efeito, após as obras se prolongarem por alguns meses, esta capela ficou completamente restaurada, por dentro e por fora, e viu as suas dependências aumentadas com uma ampla casa de banho e uma arrecadação.

Além disto o seu pavimento, bem como o da sacristia, foi totalmente renovado, tendo ficado muito bom e bonito. Nas paredes interiores, foi colocado um lindo lambrim de azulejo, que muito valoriza e embeleza a capela, dada a sua qualidade e o bom gosto com que foi escolhido.

Estas obras orçaram em cerca de seis centenas de contos e foram da responsabilidade da Comissão de Culto da Capela, a quem felicitamos pelo bom gosto e dedicação com que executaram este importante melhoramento, que bem pode ser um legítimo motivo de orgulho para os católicos desta capelanía.

**TROVISCAL**

**NASCIMENTO**

Muito recentemente, teve o seu feliz sucesso dando à luz uma robusta criança do sexo masculino, a Sra. D. Laura Martins Fernandes de Almeida, dedicada esposa do Sr. Marcolino dos Santos de Almeida, do Troviscal.

Ao novo cristão a quem foi dado o nome de Jorge António, deseja "Jornal de Castanheira de Pêra" um futuro repleto de felicidades.

**SAPATEIRA**

**TORNEIO DE SUÉCA**

Na sede do Centro Recreativo da Sapateira está a ser disputado um torneio de suéca em que participam vários concorrentes e está a disputar grande entusiasmo. Num dos próximos números, daremos notícia mais circunstanciada, não só do resultado dos primeiros encontros como também da formação das equipas que no torneio tomaram parte.

**PARQUE INFANTIL E DIVERSÕES**

Muito recentemente foi mandado construir nesta localidade, um atraente e útil Parque Infantil

que bastante frequentado é pelas crianças desta região. Dado o seu uso estavam já a necessitar de arranjo alguns balouços, pelo que as entidades competentes vão muito em breve mandar proceder ao seu arranjo

**LEIA O JORNAL DA SUA TERRA**

**FALECIMENTO JOSÉ MARQUES**

Na sua residência neste lugar, faleceu no passado dia 4 de Outubro, o Sr. José Marques, viúvo de Albertina Henriques.

O extinto que contava 91 anos de idade, era muito estimado nesta localidade, graças às suas qualidades de trabalho e honestidade.

Era pai das Sras. D. Ermelinda Marques, D. Lídia Marques, Arminda Marques e dos Srs. Severiano Marques e Artur Marques.

O seu funeral que com grande acompanhamento se realizou para o cemitério de Castanheira de Pêra, nele se incorporaram todas as pessoas deste lugar.

"Jornal de Castanheira de Pêra", apresenta a todas as pessoas da família enlutada, os seus sentidos pêsames.

**CASAMENTO**

No passado dia 10 de Outubro realizou-se na Igreja Paroquial de Castanheira de Pêra, o enlace matrimonial da menina Maria Odete Alves, prexada filha do Sr. Pompeu Alves e da Sra. D. Vitorina Rosa Alves, com o sr. Carlos Alberto Fernandes, filho do Sr. Urbano Fernandes e da Sra. D. Ilda da Piedade Fernandes.

Foram padrinhos por parte da noiva o Sr. Jorge Tomás Alves e sua esposa Sra. D. Maria Manuela Marques Antunes Tomás e por parte do noivo o Sr. Fernando da Piedade Fernandes e sua esposa Sra. D. Maria Fernanda Cepas Alves Fernandes.

Em casa dos pais da noiva, foi oferecido à numerosa assistência um finíssimo copo-de-água que decorreu em ambiente de grande alegria.

"Jornal de Castanheira de Pêra", deseja aos noivos um futuro repleto de felicidades.

**JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA**

Tem o "Jornal de Castanheira de Pêra" recebido muitas palavras de incitamento e de estímulo. Chega-nos de toda a parte cheques destinados ao pagamento de assinaturas.

Pague-se ao "Jornal de Castanheira de Pêra" é a expressão usada nesses cheques, que, como é óbvio, poderão ser o melhor processo a adoptar por quem quiser assinar o jornal da sua terra. Basta enviar uma carta com a indicação do nome e da morada (com código postal) e incluir nela um cheque em que se diga que o mesmo deverá ser pago ao "Jornal de Castanheira de Pêra".



Será esta a melhor forma de ajudar o nosso jornal — que lá vai conseguindo moradas para mandar para o correio os exemplares que vão saindo — esperando que os conterrâneos correspondam com a remessa de cheque — ou até de vale do correio.

A partir de Janeiro de 1983 vamos publicar os nomes dos primeiros assinantes que já liquidaram as suas assinaturas.

Bem hajam todos! E que tenham um Feliz Natal e Ano Novo Venturoso — eis o desejo com que retribuimos a sua compreensão e estímulo.

Até 31 de Janeiro aceitaremos as ASSINATURAS VITALÍCIAS com que nos propusemos "arrancar" para a publicação do "Jornal de Castanheira de Pêra".

**JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA**

**VENDE-SE**

**EM CASTANHEIRA DE PÊRA NO RESTAURANTE CHOPP-AVENIDA**

**EDITAL**

Idílio de Sá Caldeira, Tesoureiro da Fazenda Pública do concelho (ou bairro fiscal) de Castanheira de Pêra.

Faz saber que no próximo mês de Dezembro se encontra aberto o cofre, para pagamento dos seguintes impostos:

Imposto de Circulação, 4.º trimestre 1982 e Imposto de Camionagem, 4.º trimestre de 1982.

O imposto deverá ser pago, por uma só vez, durante o mês de Dezembro.

Não sendo pago o imposto no mês do vencimento, começarão a correr imediatamente juros de mora.

Passados sessenta dias sobre o vencimento do imposto, sem que se mostre efectuado o respectivo pagamento, haverá lugar a procedimento executivo.

Para constar se lavrou o presente e idênticos, que vão ser afixados na Tesouraria da Fazenda Pública, ou na Repartição de Finanças e divulgados através da imprensa.

**IMPORTANTE:** Pagamento por vale de correio ou cheque:

a) Os vales ou cheques serão emitidos ou endossados a favor do tesoureiro da Fazenda Pública do concelho ou bairro onde tiver lugar o pagamento e incluir a importância da dívida e dos juros de mora quando devidos;

b) Os referidos vales ou cheques serão remetidos ao respectivo tesoureiro sob registo e com a antecedência de 3 dias necessária para poderem ser recebidos na Tesouraria antes de expirar o prazo da cobrança voluntária ou o prazo em relação ao qual foi feita a contagem dos juros de mora incluídos no vale ou cheque;

c) O pagamento por esta forma será solicitado em carta redigida ao tesoureiro e nela deverão os interessados incluir os avisos ou indicar com a maior clareza, as espécies de contribuições ou impostos a pagar, o ano a que repetem e o número do conhecimento ou do contribuinte que figura no respectivo aviso;

d) A esta carta juntar-se-á um sobrescrito endereçado e selado para remessa, como correspondência oficial, dos documentos pagos.

Tesouraria da Fazenda Pública do Concelho de Castanheira de Pêra, 22 de Novembro de 1982

O Tesoureiro, Gerente  
Idílio de Sá Caldeira

**CARTÓRIO NOTARIAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA**

**José Antunes, Sucessores, Limitada**

**SARNADAS — CASTANHEIRA DE PÊRA**

Certifico, que por escritura pública de dezasseis de Novembro de mil novecentos e oitenta e dois, lavrada de folhas setenta e três a setenta e cinco-verso, do livro de notas número cento e quarenta e nove deste Cartório Notarial de Castanheira de Pêra, na situação de vacatura, por falecimento do respectivo titular, os Senhores ILISEU DOS SANTOS BARROS, NÉRIO COELHO ANTUNES e CARLOS ALBERTO ANTUNES BARROS; CASADOS; RESIDENTES no lugar das Sarnadas, desta freguesia e concelho, constituiram entre si, uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, nos termos e condições seguintes:

**PRIMEIRO**

A sociedade adopta a firma de "JOSÉ ANTUNES, SUCESSORES, LIMITADA" e fica com a sua sede e estabelecimento no lugar das Sarnadas, desta freguesia e concelho de Castanheira de Pêra, durará por tempo indeterminado e terá o seu início a contar de hoje.

**SEGUNDO**

O seu objecto é o exercício da indústria de malhas e barbetes e qualquer outro ramo de comércio ou indústria, que a sociedade resolva explorar e seja permitido por lei.

**TERCEIRO**

O capital social é de mil e quinhentos contos e acha-se integralmente realizado em dinheiro, correspondendo a três quotas iguais de quinhentos contos, uma de cada sócio.

Parágrafo primeiro — Poderão ser exigidas prestações suplementares de capital desde que tal facto seja deliberado em Assembleia Geral.

Parágrafo segundo — Os sócios, poderão fazer à caixa social, os suprimentos de que ela carecer, nas condições em que acordarem e for deliberado em Assembleia Geral

**QUARTO**

A cessão e divisão de quotas entre sócios e seus herdeiros e descendentes, são livremente permitidas, dependendo no entanto de prévio e expresso consentimento da sociedade, quando feitas a estranhos.

**QUINTO**

A gerência dispensada de caução com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral, fica a cargo de todos os sócios, sendo necessária a assinatura de dois gerentes, para obrigar a sociedade em todos os actos e contratos, bem como a sua representação em juízo e fora dele.

Parágrafo único — Nenhum sócio poderá em nome da sociedade, assinar letras de favor, fianças ou abonações e mais actos ou documentos estranhos aos negócios sociais, ficando o sócio que transgredir o que fica exposto, responsável para com a sociedade, pelos prejuízos que lhe causar.

**SEXTO**

No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, terão os seus herdeiros, se assim o desejarem, continuar na sociedade onde se farão representar por um, que entre si escolherem, ou por quem legalmente os representar, mantendo-se quanto à divisão de quotas o estabelecido no artigo quarto do presente pacto social.

**SÉTIMO**

A Sociedade, só se dissolve nos casos legais, em qualquer outro caso de liquidação, serão liquidatários os sócios, procedendo-se à liquidação e partilha conforme acordarem e for de direito.

**OITAVO**

Quando a lei não exija outras formalidades, as reuniões da Assembleia Geral, serão convocadas por meio de cartas dirigidas aos sócios, com a antecedência de trinta dias.

**NONO**

Os balanços dar-se-ão em trinta e um de Dezembro de cada ano e dos lucros líquidos que se apurarem será retirada a percentagem legal para o fundo de reserva, e o remanescente, será sem prejuízo de qualquer outra deliberação, dividido pelos sócios na proporção das suas respectivas quotas.

Está conforme com o seu original, na parte transcrita.

Castanheira de Pêra, Dezassete de Novembro de mil novecentos e oitenta e dois.

O Ajudante do Cartório Notarial,  
a) Francisco Henriques

**BOAS FESTAS a todos os clientes e famílias**

**RESTAURANTE SNACK-BAR Chopp-Avenida**  
DE ANTÓNIO HENRIQUES COSTA

**COZINHA REGIONAL**  
Especialidade: Bacalhau e Bife à "Chopp"

**VINHOS DAS MELHORES MARCAS**

**AMBIENTE SELECIONADO**

**VISITE-NOS!**  
(Aberto das 8 às 2 H)

**Avenida de S. Domingos Telef. 44349**  
**3280 CASTANHEIRA DE PÊRA**

**JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA agradece ao Atelier Volta da Estrada a amável cedência de fotografias**

**Atelier VOLTA DA ESTRADA**  
(frente ao posto de gasolina SHELL)  
CASTANHEIRA DE PÊRA

**Residência**  
Av. S. Silvestre  
Tel. 99405  
LOUSÃ

*Reportagens de casamentos, baptizados, etc.*  
*com apresentação de provas a cores horas depois*

**REVELAMOS OS SEUS ROLOS A CORES EM 24 HORAS**

**AUTOMÓVEIS**

**Deseja comprar, vender ou trocar o seu Automóvel ou Forqunete a gasolina ou a gasoil?**

**CONSULTE**

**AUTO PONTE DE ARROIOS, LDA.**  
DE MANUEL TOMAZ & FILHOS

Rua de Arroios, 152-A  
Telefones 401 85 e 538034

**1100 LISBOA**

**MÓVEIS COSTA**

**A MAIOR ORGANIZAÇÃO NO GÉNERO DO CONCELHO E DA COMARCA**

**MOBILIÁRIO MODERNO E DE ESTILO • ESTOFOS • ALCATIFAS • TELAS • FRIGORIFICOS • T. V. • MÁQUINAS DE LAVAR**

**ARMAZÉM N.º 1 - MOREDOS**  
**SEDE E ARMAZÉM N.º 2**  
**AVENIDA DE S. DOMINGOS**  
**(FRENTE AO HOSPITAL)**

**UM GERENTE**  
**José da Silva Costa**

**TELEFONE 44152 3280 CASTANHEIRA DE PÊRA**

**JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA agradece ao Atelier Volta da Estrada a amável cedência de fotografias**

**Atelier VOLTA DA ESTRADA**  
(frente ao posto de gasolina SHELL)  
CASTANHEIRA DE PÊRA

**Residência**  
Av. S. Silvestre  
Tel. 99405  
LOUSÃ

*Reportagens de casamentos, baptizados, etc.*  
*com apresentação de provas a cores horas depois*

**REVELAMOS OS SEUS ROLOS A CORES EM 24 HORAS**

**JORNAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA agradece ao Atelier Volta da Estrada a amável cedência de fotografias**

**Atelier VOLTA DA ESTRADA**  
(frente ao posto de gasolina SHELL)  
CASTANHEIRA DE PÊRA

**Residência**  
Av. S. Silvestre  
Tel. 99405  
LOUSÃ

*Reportagens de casamentos, baptizados, etc.*  
*com apresentação de provas a cores horas depois*

**REVELAMOS OS SEUS ROLOS A CORES EM 24 HORAS**

# CANDEIA

Sim, és flama  
Que tremeluz  
Ao sabor da ventania  
De meus anos de invernia,  
Alentados no encanto  
Juvenil,  
Com que animas  
Os meus dias  
Na grácil promessa  
Primaveril  
Do teu olhar  
De candura.

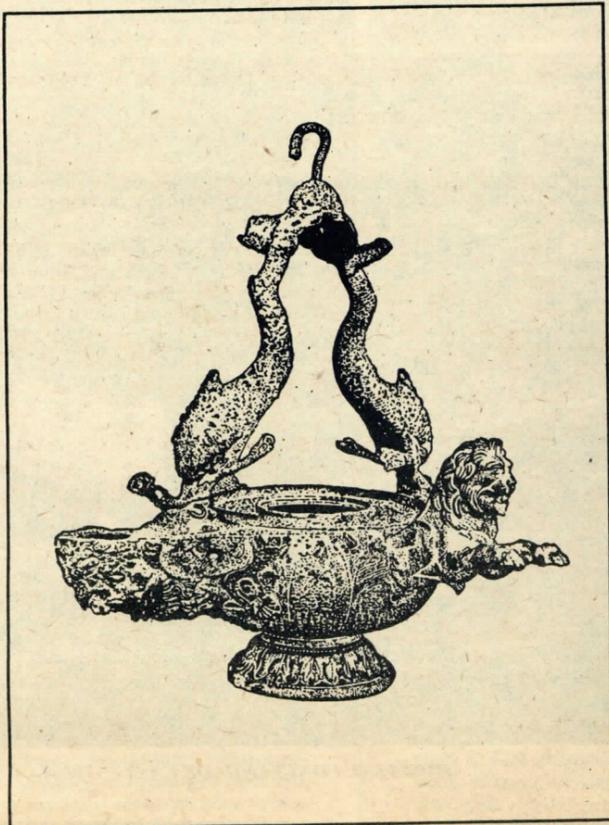
E a silhueta  
Sensual,  
Em requebro,  
Do teu corpo  
E o calor  
Do teu sorriso,  
São como luz  
De aliciante candeia  
Do Aqui  
E do Agora,  
Que me acena  
E me enamora  
De ti...

Sim, reflectiste  
Nos meus olhos  
A queitura  
Que nos teus  
Sempre vi.  
Teu olhar  
É quebra-gelo  
Das minhas frustrações,  
Calor temeroso,  
Fera sedução,  
Quebranto e Poderio,  
Em paradoxal união  
Neste meu desvario.

Sim, és vibração  
E luminária,  
Perfume  
E torpor  
Langoroso,  
És aceno suave,  
És candeia,  
Sinal  
E lustro  
De ventura  
Profundamente sentida.

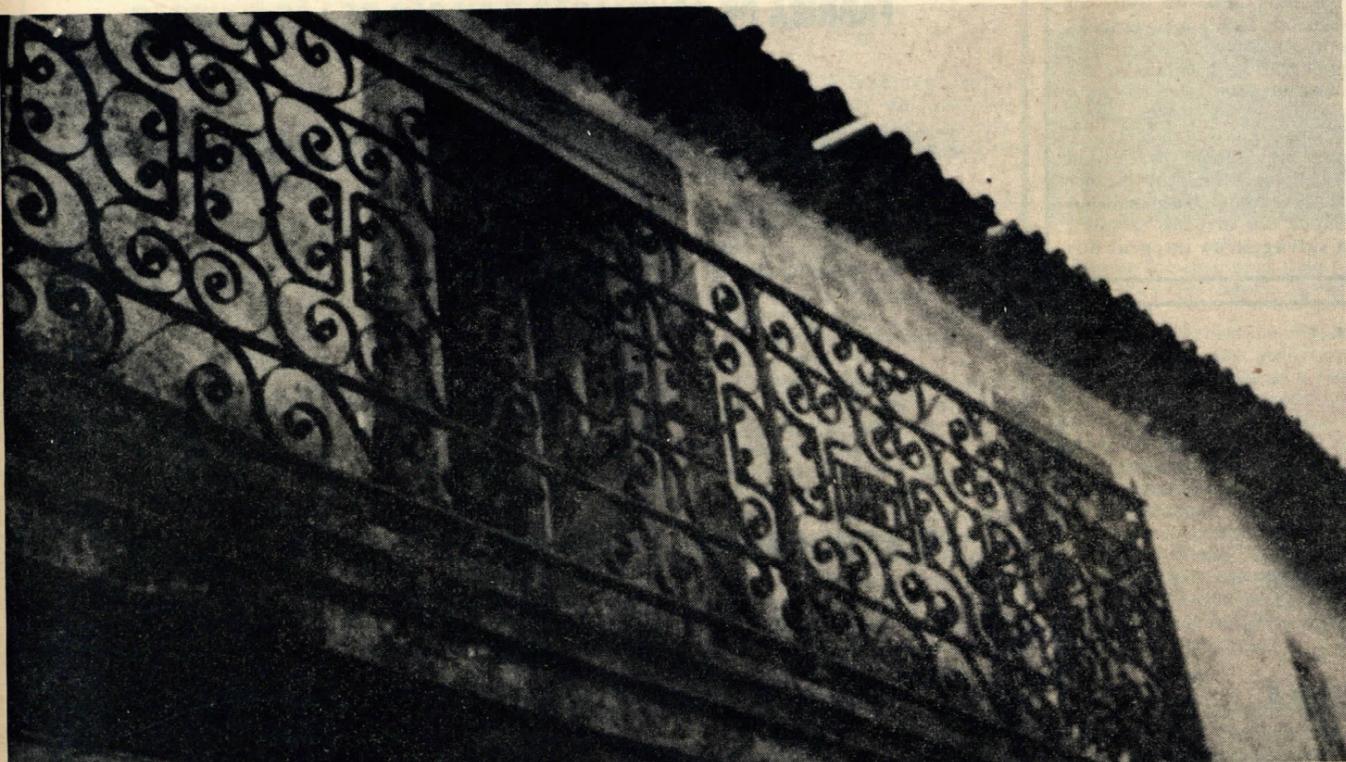
Sim, és luz e calor,  
Bafo e fulgor,  
Dor e prazer,  
Maleita de Amor,  
Ciúme,  
Coita sem cura  
E ventura  
Em conjugação  
Radiosa.

Sim, rompes esta negrura  
Incontida  
E temerosa,  
Que sem ti  
Sem um tal sonho,  
Me tira sentido  
À vida.



ERALMA

**POEMA modelado em ferro  
há cem anos**



# Journal de CASTANHEIRA DE PÊRA

publicará  
em 15 de Dezembro  
de 1982

o seu primeiro  
número especial,  
dedicado ao **NATAL**



TRAJES  
DAS  
BEIRAS

**SALVAI**  
os valores  
da cultura  
portuguesa

## NO ESPELHO DOS TEUS OLHOS

Neste espelho,  
Mira teus olhos  
Brilhantes,  
Esperançosos  
De ternura.

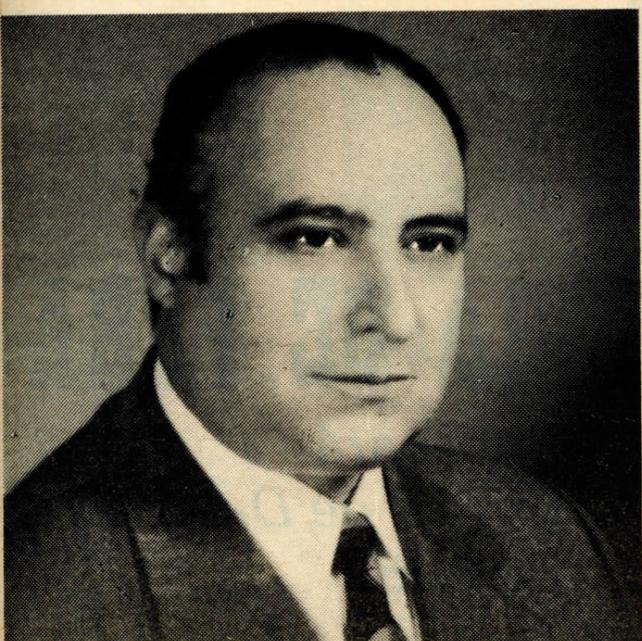
Neste espelho  
Contempla  
A Juventude  
Do teu rosto  
De candura.

Neste espelho,  
Fita a flor da tua idade  
— Adolescente,  
Ridente,  
Sem agrura.

Neste espelho,  
Vê a Mocidade  
Que reside em ti  
Toda crença,  
Formosura.

Neste espelho,  
Se a Sorte te sorrir,  
Descobrirás um dia,  
Passados os verdes anos  
E os desenganos,  
— Distantes!  
— Que a Juventude  
Passou  
E só a saudade  
Ficou.

ERALMA



**DR. DELMINO BAETA CORTEZ**

Journal de  
**CASTANHEIRA DE PÊRA**

## ouviu o DELEGADO DE SAÚDE DR. DELMINO BAETA CORTEZ

Numa altura em que tanto se fala em saúde e seus problemas e como temos conhecimento que no nosso concelho nem toda assistência médica corre da melhor maneira — aliás como em muitos outros — achámos conveniente ter uma conversa com o Senhor Dr. Delmino Baeta Cortez, Delegado de Saúde no nosso Concelho e, por inerência de funções, responsável pela assistência médica sanitária no concelho de Castanheira de Pêra.

Por ser nosso intento esclarecer a população que ocorre aos serviços de saúde, travámos conversa com quem nos poderia esclarecer.

Ao Senhor Dr. Delmino Cortez, agradecemos ter accedido ao nosso convite sabedor de que gostaríamos de saber a sua opinião sobre várias questões que consideramos de interesse geral, prontamente nos acolheu. E o diálogo foi vivo e cordial.

Perguntas e respostas aqui estão:

I — *Acha satisfatória a assistência médica no nosso concelho?*

— É com profunda mágoa que tenho de reconhecer que a assistência médica no nosso concelho está longe de ser satisfatória, pois a considero péssima, dada a degradação acentuada dos serviços nos últimos tempos, não tanto por carência de meios materiais, mas sobretudo de meios humanos.

Obviamente, este panorama sombrio refere-se aos cuidados que poderíamos prestar a nível hospitalar e não à cobertura médica do concelho, que, neste momento, é suficiente, mesmo

considerando os melhores níveis europeus.

Temos 10 médicos para cerca de 6000 habitantes.

II — *Se há carências, quais as mais prementes?*

— A grande falta de pessoal de enfermagem.

Seria fácil enumerar muitas outras carências, mas de nada servirá resolvê-las sem, primeiramente, preencher o quadro do pessoal de enfermagem.

III — *O Hospital concelho de Castanheira de Pêra é um edifício moderno e que nos parece bem equipado; no entanto, também achamos que não está totalmente aproveitado nas suas várias capacidades, em especial no bloco operatório e na parte de internamentos.*

*Que se lhe oferece dizer?*  
— Não poderemos considerar o hospital um edifício moderno e bem equipado, pois já tem cerca de 30 anos e, embora as perspectivas actuais sejam diferentes, logo de início foi mal delineado, pois apenas dispunha de um gabinete de consulta e sem qualquer sala para reuniões.

Estas carências agudizam-se neste momento, com a necessidade que temos de atribuir um gabinete a cada clínico geral.

Com isto não quero significar que o Hospital não tenha potencialidades que, infelizmente, não estão aproveitadas.

Na realidade o bloco operatório nunca funcionou e as orientações actuais do Ministério dos

Assuntos Sociais não perspectivam o seu funcionamento nos Hospitais Concelhios.

Na parte de internamentos, como é do seu conhecimento, já tivemos um período, não distante, em que tanto na parte de clínica médica como na de partos, havia, por vezes, esgotamento das lotações.

Sempre a carência de pessoal de enfermagem a levar à degradação os Serviços!

IV — *Para haver uma boa assistência médica, não é importante haver só médicos, pois o contributo do restante pessoal de enfermagem e profissões afins é imprescindível.*

— Neste campo concreto há muitas carências?

— É evidente que não poderíamos deixar de estar de acordo com essa afirmação.

Estão colocados no concelho 4 clínicos gerais.

Pelo menos até ao fim do ano ainda temos 4 médicos do S.M.P. Estão ainda a trabalhar 2 médicos residentes.

Temos pois no concelho, actualmente, uma cobertura médica suficiente, embora com ca-

rências inevitáveis no domínio de especialidades.

O quadro do pessoal de enfermagem do Hospital comporta 6 elementos.

Temos apenas 1! O quadro do Centro de Saúde é de 3 enfermeiras.

Temos apenas 1! Nos S.M.S. temos 2 elementos de enfermagem.

Não pode deixar de ser frustrante a actividade do médico sem a colaboração do pessoal de enfermagem e sem poder recorrer com prontidão aos meios auxiliares de diagnóstico como R.X. e análises.

Não deveremos ser utópicos e desejar o impossível, mas o dispormos de equipamento de R.X. para radiografias correntes e um pequeno laboratório para análises de rotina, é aspiração lógica e viável.

V — *Fala-se muito ultimamente, na integração dos vários departamentos de saúde a nível local.*

— *Acha de utilidade esta medida e no nosso concelho ela já foi concretizada?*

— Considero de grande vantagem a integração de todos os Serviços de Saúde a nível local, pois isso poderá levar a melhor coordenação e distribuição das tarefas a efectuar e maior rentabilidade, com os consequentes benefícios para os utentes.

Infelizmente julgo que deveria ter havido melhor informação e esclarecimento aos trabalhadores de Saúde dos diversos sectores, com salvaguarda integral dos

### Entrevista conduzida por NIQUELINO FERNANDES

seus direitos e deveres e remunerações equiparadas, dado que, passou a ser uma única unidade. Isto teria evitado certas resistências e frustrações que não deixam de ser lógicas e humanas.

Há já integração dos Serviços de Saúde do Concelho, homologada em 16.2.82.

O Centro de Saúde de Castanheira de Pêra tem como Serviços Integrados:

- Hospital Concelhio
- Centro de Saúde
- Serviço de Luta Anti-Tuberculose
- Serviços Médico-Sociais.

VI — *Senhor Dr. Delmino Cortez, quer acrescentar mais algum esclarecimento que considere de interesse?*

— O Decreto-Lei n.º 310/82 de 3 de Agosto criou as carreiras práticas e perspectivou novos aliciantes para os médicos saírem dos grandes centros e se poderem instalar nos Concelhos do interior, como o nosso.

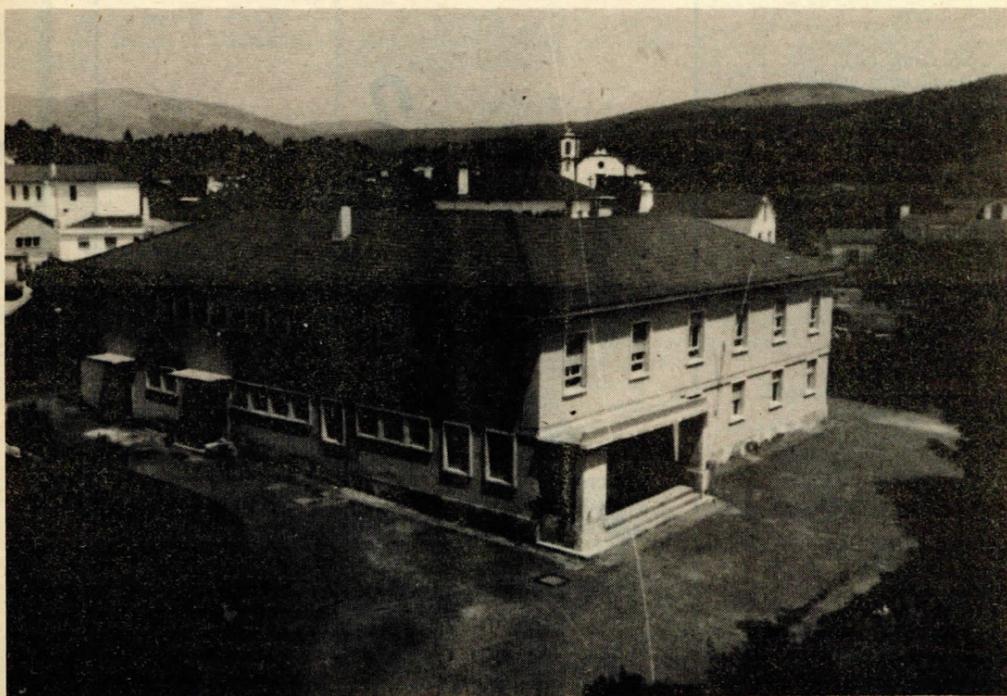
O espírito do Decreto aponta para uma medicina mais humanizada e, desburocratizada, podendo o utente escolher o seu médico de família, sem necessidade de ser atendido cada vez, por um médico diferente.

É salutar e altamente vantajosa esta atitude.

Tenho esperança que não saiam frustradas as intenções. Há que motivar com melhores aliciantes a vinda de pessoal de enfermagem para a periferia.

Cabe às Autarquias também a tarefa de criar estruturas para a manutenção e fixação dos trabalhadores de saúde.

Antes de terminar quero agradecer-lhe a oportunidade oferecida e patentear a todos os trabalhadores do Centro de Saúde o meu reconhecimento pela colaboração, sempre pronta, que dão aos Serviços.



HOSPITAL CONCELHIO DE CASTANHEIRA DE PÊRA

## FIANDEIRA CASTANHEIRENSE INDÚSTRIA TÊXTIL, LDA. IMPORTAÇÃO • EXPORTAÇÃO

FÁBRICA DE PENTEAÇÃO E FIAÇÃO DE LÃS E FIBRAS

EQUIPADA COM OS MAIS MODERNOS MAQUINISMOS



TELEFONES 44101 e 44479 • TELEX 14686 FISCAL P

3280 CASTANHEIRA DE PERA (PORTUGAL)

### Leitaria Castanheirense, Lda.

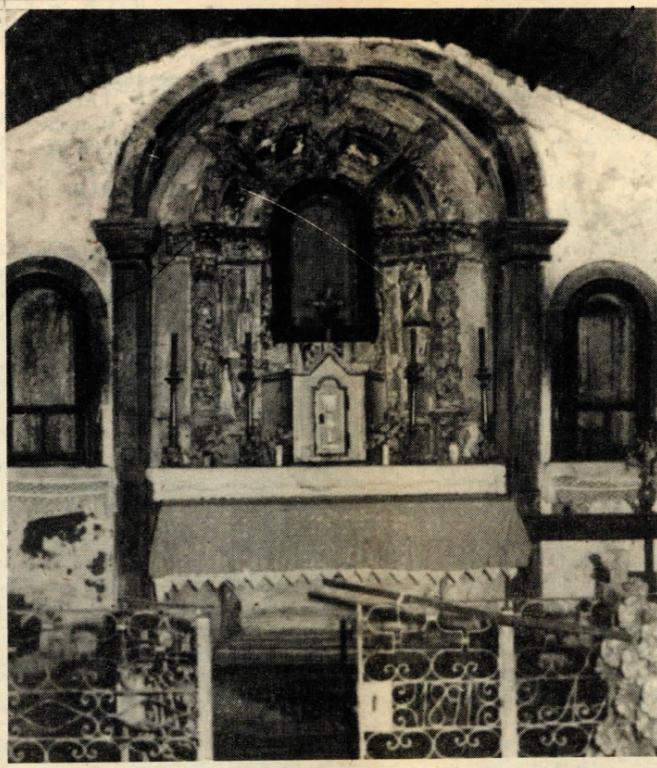
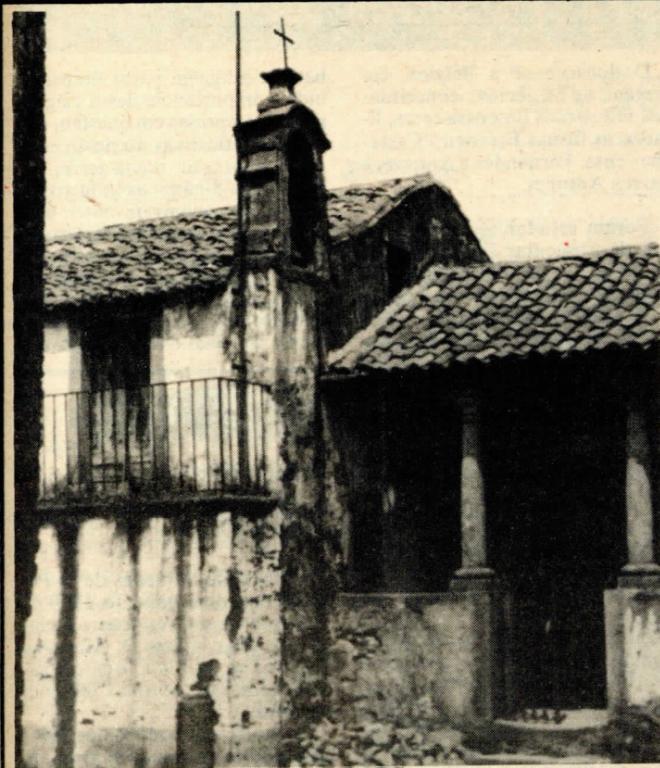
Café — Chá — Chocolate — Cerveja ao Copo

COM ESTABELECIMENTO DE:

MERCEARIAS - FAZENDAS - LOUÇAS - VIDROS

TELEFONE 44 361

3280 CASTANHEIRA DE PERA



## PÊRA

## A CAPELA VELHA

A capela de S. Sebastião, mais conhecida pela "capela velha" ergue-se no lugar de Pêra.

Data de 1695 (segundo a inscrição existente na porta principal da capela). E 1757 é a data gravada no sino. Da fachada destaca-se uma bem lançada galilé alpendrada, com elegante colonata clássica. A capela encontra-se coberta por um tecto de madeira com travejamento à vista.

Com o seu altar em talha e o chão empedrado, aí se venera até ano relativamente recente seu padroeiro — Mártir S. Sebastião — ano em que foi construída a nova capela, uma das melhores do concelho, graças à fé e ao bairrismo dos naturais de Pêra.

A capela desde então, encontra-se abandonada. Muitos esforços se têm feito junto das entidades competentes para que tal não aconteça, dado que a construção constitui uma verdadeira riqueza para o património nacional do qual todo o concelho se deveria orgulhar.

É pois, doloroso para todos nós, observarmos o estado em que ela se encontra: serve de arrecadação além de se encontrar rodeada de palheiros em ruínas.

Porque motivo a Câmara Municipal não toma providências? Bastava limpá-la, rodeá-la de um largo decente, arranjar o telhado... e eis a capelinha com os seus trezentos anos transformada no belo monumento, que foi no passado. Ou estará condenada à ruína?

É com pena, que ano após ano, olhamos com amor e desolação a velha capela, que traduz a herança de fé que as mãos duras dos nossos antepassados nos legaram.

Todas as terras gostam de conservar o património que lhes foi edificado. Será que Pêra não tem esse direito?

Creio que sim.

O povo de Pêra é honesto e trabalhador. Não esquece a sua terra e está sempre presente. No entanto, a capela merece mais. Merece ser elevada, já não digo a monumento nacional, mas, pelo menos, a monumento concelhio, uma vez que a sua antiguidade assim lhe permite... ou não seja a capela mais antiga do Concelho de Castanheira de Pêra.

ANABELA SIMÕES ANTÃO ALVES

## COENTRAL

## À BEIRA DA SERRA

ALVES BARATA

Satisfazendo o pedido que nos foi dirigidado no sentido de colaborar no novo jornal da Nossa Terra, aqui estou, pese embora a escassa disponibilidade de tempo que a vida profissional me impõe, disposto prazenteiramente a oferecer o meu modesto contributo ao "Jornal de Castanheira de Pêra" que no passado dia 31 de Outubro iniciou a sua publicação, tal como em tempos fiz em relação a "O Castanhense" que, durante mais de quatro dezenas de anos, foi prestigioso defensor dos interesses dos povos desta Região.

Então, como agora, o objectivo em vista é a defesa do progresso e bom nome da Nossa Terra — de toda esta encantadora região — e nessa luta todos devemos estar empenhados de alma e coração.

Será pequeno, muito pequeno mesmo o valor desse nosso contributo, que naturalmente se limitará a ir dando, sempre que possível, notícias do Coentral — notícias que compreensivelmente são poucas por se tratar de um meio pequeno. Mas com boa vontade, que felizmente temos, e se "engenho" não faltar, algo irá surgindo no dia-a-dia da nossa terra que dê motivo a desprezioso comentário, enfim, à notícia.

Assim esperamos e vamos de imediato passar a relatar as "últimas":

CONTERRÂNEOS  
QUE NOS VISITAM

Em viagem de negócios veio de novo à Europa — mais concretamente à Alemanha Federal — o nosso muito prezado conterrâneo e dedicado Amigo Nelson Simões Claro, que em Terras de S. Paulo (Brasil) é importante industrial nos ramos da construção civil e de padaria.

Como não podia deixar de ser,

o seu acendrado bairrismo não lhe consentiu também desta vez que desperdiçasse a oportunidade para, pela segunda vez este ano, visitar a sua querida terra natal e abraçar a família e os amigos que tanto o estimam.

Assim, na viagem de regresso ao Brasil parou em Lisboa e logo se encaminhou para o Coentral. E naquele fim-de-semana, reunido com a família e bom número de amigos, tiveram lugar a tradicional matança do porco e o magusto — tudo decorrendo em ambiente de sã alegria como é timbre da nossa gente.

No dia 1 do corrente mês deixou o Coentral, rumo a Lisboa, onde entretanto retomou a viagem de regresso a S. Paulo, solicitado pelos múltiplos afazeres da sua actividade.

Ao Amigo Nelson, em cujo coração o progresso do Coentral e bem estar da sua gente ocupam lugar relevante, como tão exuberantemente o vem demonstrando, desejamos muito sinceramente óptima saúde para si e para os que lhe são queridos e as maiores prosperidades para as actividades a que se dedica.

\* \* \*

Na mesma altura regressaram igualmente a S. Paulo seu cunhado e irmã — o Amigo Aurélio Henriques Lopes e esposa D. Manuela Simões Lopes — que desde o passado mês de Agosto se encontravam entre nós em gozo de bem merecidas férias.

Voltaram portanto também à sua actividade em terras de Santa Cruz, em que desejamos obtenham igualmente o melhor êxito, a par da melhor saúde.

(continua na pág. 8)

## folhetim ► FACTOS E CONTOS DA TRADIÇÃO ORAL DA SERRA DA LOUSÃ

## OS NEVEIROS

HERLÂNDER MACHADO

## 2 — O POÇO DO SANTO

Na espectacular sucessão de cerros, o prolongamento da montanha serpenteia ondulante, altos e baixos, socalcos e vertentes, curvas e contra-curvas, sombras e luz, a perder de vista.

O Trevim — com 1204 metros de altitude — é o ponto mais elevado da serra da Lousã.

Bem perto dele estende-se o planalto de Santo António da Neve — outrora mais conhecido pelo toponímico de Cabeço do Pereiro.

Como que aconchegado ao monte do Trevim, um pouco mais abaixo do que ele, o cabeço planáltico de Santo António da Neve, oferece aliciente contraste com o resto da serra brava. Ali o mato interrompe-se. Em seu lugar cresce a relva, mesmo para além da sombra das velhas carvalhas.

Atestando a passagem dos neveiros, restam três poços completos que, no entanto, apresentam visíveis traços de ruína. Os escombros de dois outros poços ainda são facilmente localizáveis. Num destes, cresceu, protegida pelas grossas paredes que ainda seguram a terra, uma cerejeira frondosa.

Domina toda a paisagem a modesta capela de Santo António da Neve — caiada, harmoniosa, ainda robusta, com sua abóboda de pedra resguardada — quase diríamos escondida — pelo telhado que lhe foi acrescentado.

No declive que se aproxima do ponto mais elevado do pequeno planalto, situam-se dois poços cujo traçado exterior é octogonal, embora interiormente, desde a abóboda até às paredes profundas, a sua configuração seja circular.

Um pouco mais abaixo destes, conserva-se (também ameaçado de ruína) um terceiro poço — mas este é totalmente circular — no exterior como no interior.

Dir-se-ia que a capela de Santo António da Neve foi colocada de frente para estes três poços — e também para um quarto reservatório da neve do qual só chegaram as ruínas ao nosso tempo.

Pensamos que os dois poços octogonais serão os mais antigos, anteriores à construção da capela que o neveiro Julião Pereira de Castro mandou erigir em 1976.

Segundo a tradição oral, o poço octogonal, edificado na quota mais elevada daquele planalto, sempre foi conhecido pelo nome de "Poço do Santo".

Sem que se soubesse porquê, essa era a designação que lhe era dada por todos os habitantes da vizinha povoação do Coentral os quais eram contratados, durante a invernia, para a recolha da neve, que ficava armazenada naqueles poços.

Conta-se, porém, que, no decurso do ano de 1905, ficou explicada a denominação tradicional daquele poço.

Entre as brechas e os buracos abertos, pela intempérie e pela incúria, na argamassa que segura as suas irregulares pedras negras, apareceram à vista alguns tijolos. Uma ampla fenda se rasgava no exterior do paredão que, por aquele lado, limita o corredor de separação existente entre os dois poços octogonais. Foi justamente na face virada para a capela que esses tijolos ficaram à vista, vindo a "meter cobiça" a um coentralense...



Davam-lhe jeito para uma pequena obra que estava fazendo na sua casa...

O homem chamava-se Manuel Francisco e era um pobretanas que, para melhor ganhar a vida, passava longas temporadas em Lisboa, onde exercia o ofício de aguadeiro, barril às costas, no sobe e desce das escadas, a troco de uns escassos reis, para ameaçar uns patacos...

Afoitou-se a retirar alguns tijolos do "Poço Santo". Afinal, essa prática de retirar algumas peças a um edifício abandonado e já sem préstimo parece ser pecha antiga — e não só portuguesa.

Bem nos recordamos, a propósito, de ter visto, em Inglaterra, o que restava da antiga Abadia de

Glastonbury, encerrada, cerca do ano de 1539, em consequência do movimento protestante. Ali, pedra a pedra, o "vandalismo" de várias gerações foi desfazendo o monumental edifício, ao ponto de se conservar hoje a antiga cozinha e alguns fragmentos das paredes mestras e das fundações — aliás bem sinalizadas pelo traçado feito no vasto tapete de relva que se estende por toda a área onde se erguia a bela igreja. (E nesse relvado está também assinalado o local onde, segundo a tradição inglesa, está sepulto o Rei Artur.)

Diz-se em Glastonbury que, ao longo destes séculos, a população foi retirando da abadia pedras e esculpturas para as abadias nas casas de particulares e que quase não há um edifício nesta locali-

dade que não tenha, nas suas paredes ou no chão, uma pedra da arruinada abadia.

Sendo, assim, que estranheza nos poderá causar o facto de um Manuel Francisco qualquer, ignaro e mal-andante, ter pensado em retirar alguns tijolos de uma construção abandonada no alto de uma montanha deserta?

Ele, um pobretão do Coentral, endurecido pelas asperezas da vida na serra brava, nem sequer poderia sentir respeito ou temor, escrúpulo ou remorso, suspeição de atitude herética ou consciência de pecado, ao tocar nas pedras sem graça nem riqueza daquela construção secular, de cujo valor

(continua na pág. 8)

**COENTRAL**

Em Setembro último tivemos a triste e inesperada notícia do falecimento ocorrido em Lisboa de D. Maria Emília Simões Coelho, estremosa Esposa do contrerrâneo e bom Amigo Alexandrino Simões Coelho, que em S. Paulo exerce a sua actividade comercial. O casal Simões Coelho chegou ao Coentral em princípios de Agosto com o fim de assistir aos festejos a N. S. da Nazaré e passar algum tempo com a família e amigos; e aqui estiveram até final daquele mês tendo no seu programa prolongar para além daquela data a sua estadia entre nós. Entretanto a Senhora sentiu

agravarem-se os seus padecimentos e deslocaram-se a Lisboa em busca de apoio médico. Infelizmente a doença não perdoou. Chegara o fim.

Profundamente desolado o Amigo Alexandrino regressou ao Brasil privado da sua companheira de longanosos, confrontado com a triste realidade que é a fragilidade humana.

Daqui endereçamos um abraço de sentido pesar ao bom Amigo Alexandrino, que tornamos extensivo a seus filhos Luís e Sílvia, pedindo a Deus lhes conceda a coragem necessária no doloroso transe em que ficaram mergulhados.

E por hoje é tudo.

ALVES BARATA

**HENRIQUE MANUEL VARATOJO**

**LIVRE DE PERIGO APÓS ACIDENTE**

**AGRADECIMENTO PELA SOLIDARIEDADE**

Maria Manuela Santos, residente no Coentral Grande e mãe do Henrique Manuel, já totalmente recuperado do acidente ocorrido em 4/11/81 na "Sapateira" e por falta de conhecimentos de, moradas de todas as pessoas que a acompanharam em tão doloroso transe da sua vida, e não podendo agradecer pessoalmente, vem através deste jornal muito reconhecidamente prestar os seus agradecimentos a colegas, amigos, conhecidos e pessoas até então desconhecidas e a todos em geral, que se deslocaram a Coimbra ou à sua residência e ainda aqueles que se dirigiam a mim diariamente pelo telefone, e porque também não agradecer a todo o pessoal que ao longo de semanas, esperava pacientemente no Vidouro a minha chegada de Coimbra para saber notícias, vai também o meu obrigado. Para to-

das as mulheres que rezaram, deram esmolas, fizeram promessas, nunca poderei esquecer devidamente, tanto calor humano, tanta fé e dedicação, para que o Senhor não me levasse o Meu Henrique deste mundo.

Não posso deixar de salientar, aquela hora da madrugada, a prontidão do Exm.º Senhor Doutor Delmino Cortez e o carinho com que lhe prestou os primeiros socorros, a rapidez e o zelo dos Bombeiros de Castanheira de Pêra e, porque não os incansáveis guardas desde o Sr. Comandante a todos os seus subordinados a preocupação constante de quererem saber do Henrique. Para todos estes e alguém que, por lapso, eu possa ter esquecido, vai o obrigado sincero do meu coração de mãe agradecido, que se alegra por ver que ainda existe tanto amor pelo próximo.

A todos bem hajam.

MANUELA SANTOS

**CARREGAL FUNDEIRO**

Na nossa Igreja Matriz realizou-se no passado dia 10 de Outubro, o baptizado da menina Helena Patrícia Henriques Coelho, filha do Sr. Rogério Alves Coelho e da Sra. D. Maria de Fátima

Pereira Henriques Alves Coelho, residentes em Queluz.

Ao novo cristão que foi apadrinhado pelo Sr. Vitorino Tomás Henriques e pela Sra. D. Maria Helena Alves Coelho, deseja "Jornal de Castanheira de Pêra", um futuro repleto de felicidades.

**PÊRA**

**JOSÉ GONÇALVES**

Com 62 anos de idade, faleceu nesta vila, no passado dia 8 de Outubro, o Sr. José Gonçalves, que era casado com a Sr.ª D. Zulmira da Conceição e pai das Sr.ªs D. Lucinda de Jesus Martins Gonçalves e D. Maria da Conceição de Jesus Martins Gonçalves.

Pessoa bastante considerada nesta vila, deixou em todas as pessoas profunda saudade.

**ANTÓNIO DINIS**

Também no passado dia 20 de Outubro faleceu nesta vila o Sr. António Dinis, que contava 84 anos de idade.

Gozava de geral simpatia, motivo porque a sua morte foi muito sentida.

Era tio do Sr. Ernesto Rodrigues.

**HERMÍNIA DE JESUS FERREIRA**

No passado dia 1 faleceu a Sr.ª D. Hermínia de Jesus Ferreira, que contava 76 anos de idade.

Era irmã da Sr.ª D. Conceição Ferreira Marques e a sua morte foi muito sentida.

**BAPTIZADOS**

No passado dia 5 de Outubro realizou-se na Igreja Matriz desta vila o baptizado da menina Bruna Isabel Correia Lopes, dos Moredos, filha do Sr. José Nunes Lopes e da Sra. D. Elsa Maria Francisco Correia, tendo sido padrinhos o Sr. Mário Fernandes Correia, e sua esposa D. Eulália Simões Francisco.

Também no mesmo dia e Igreja, se baptizou a menina Rute Alexandra Henriques Bernardo, filha do Sr. Adelino José Teixeira Bernardo e da Sra. D. Maria Manuela dos Santos Henriques Bernardo.

Foram padrinhos o Sr. Jaime Costa da Silva e a Sra. D. Maria Cecília Santos Mendes Costa da Silva.

Aos novos cristãos, deseja o "Jornal de Castanheira de Pêra", as maiores felicitações, extensivas a seus dedicados pais e famílias.

**MARIA PRECIOSA DO CARMO**

Contando 82 anos de idade, faleceu no dia 3 do corrente mês, a Sr.ª D. Maria Preciosa do Carmo, viúva do saudoso Gentil da Silva Brandão.

Era mãe das Sr.ªs D. Conceição da Silva Brandão, Maria Benilde da Silva e dos Srs. Raul da Silva Brandão e Arcindo da Silva Brandão.

**MARIA DA PIEDADE**

Com a bonita idade de 89 anos, faleceu a Sr.ª D. Maria da Piedade, viúva de José Francisco.

Era mãe das Sr.ªs D. Maria da Soledade Tomás Correia, D. Maria de Lourdes Tomás Correia, D. Maria do Carmo Tomás Correia e dos Srs. Afonso Francisco Fidalgo, Álvaro Francisco Correia, Manuel Francisco Tomás Correia e Noé Francisco Tomás Correia.

Os seus fúneis realizaram-se para o cemitério desta vila e tiveram grande acompanhamento.

"Jornal de Castanheira de Pêra" apresenta a todas as pessoas das famílias enlutadas os seus mais sentidos pêsames.

**SOUTO FUNDEIRO**



**SARZEDAS DE S. PEDRO MANUEL FERNANDES DA SILVA**

No passado dia 27 do mês de Outubro, faleceu no lugar do Souto Fundeiro o Sr. Manuel Fernandes da Silva, que contava 73 anos de idade.

Conceituado comerciante naquela localidade, o seu desaparecimento causou em todas as pes-

**INDUSTRIAIS CASTANHEIRENSES NA BÉLGICA**

Deslocaram-se à Bélgica, em viagem de negócios, conceituados industriais da nossa terra, ligados às firmas Fiandeira Castanheirense, Fernandes e Antunes e Barros Antunes.

Foram estudar as possibilidades de aumentar as respectivas exportações para a Europa, concretamente para os países da CEE. Conhecida como é a crise em que a indústria têxtil se de-

bate, a ninguém passa despercebida a importância desta viagem para as empresas em questão, das mais significativas do nosso concelho e, até, da nossa terra, em geral. Aos dinâmicos industriais, que já se encontram entre nós, desejamos os melhores resultados na continuação e concretização das negociações, para bem da nossa terra e da indústria que a caracteriza, dando emprego a tantas centenas de trabalhadores.

**TORGAL**

**FALECIMENTO**

**DOMINGOS MARTINS**

No passado dia 30 de Outubro, faleceu nesta localidade, o Sr. Domingos Martins que contava 74 anos de idade.

Pessoa muito respeitada pelas suas qualidades de trabalho e honestidade, o seu desaparecimento foi muito sentido.

Viúvo de Adelina Maria, era pai das Sras. D. Júlia Graciosa Martins Oliveira e D. Maria Arlete Martins Henriques.

O seu funeral, que teve invulgar acompanhamento, realizou-se no dia seguinte para o cemitério de Castanheira de Pêra.

"Jornal de Castanheira de Pêra", apresenta sentidos pêsames.

soas das suas relações a mais profunda saudade. Muito em especial no seio dos seus familiares.

Era casado com a Sra. D. Guilhermina Carvalho Martins Fernandes e pai da sra. D. Laura Martins Fernandes de Almeida, casada com o Sr. Marcelino Santos de Almeida, D. Alda Martins Fernandes Alves, casada com o Sr. Abílio Paiva Lopes, Manuel Martins Fernandes da Silva, D. Mantela Martins Fernandes da Silva, casada com o Sr. Aurélio Lopes da Silva e das meninas Lídia Martins Fernandes e Paula Cristina Martins Fernandes.

O seu funeral que se realizou

**VILAR**

**FALECIMENTO**

**ALBERTINA DINIS DIAS DA SILVA**

Natural de Sarzedas de S. Pedro, faleceu no passado dia 9 de Outubro na sua residência no lugar do Vilar, a Sra. D. Albertina Dinis Dias da Silva, que era casada com o sr. António Joaquim da Silva.

A morte da bondosa senhora que tinha apenas 59 anos de idade, foi muito sentida nesta localidade, graças às suas qualidades de trabalho, honestidade e bondade.

Era mãe das Sras. D. Ilídia Dinis Dias da Silva, casada com o Sr. Alfredo Nunes dos Santos, D. Maria Emília Dinis Dias da Silva, casada com o Sr. Francisco José Sacramento Santos e da menina Graciete Dinis Dias da Silva e ainda dos Srs. Alberto Dinis Dias da Silva, casado com D. Ana Clara Silva, Joaquim Dias da Silva, casado com D. Maria Preciosa Neves Dinis, João Miguel Dinis da Silva, casado com D. Eugénia Maria Guia da Silva, José Manuel Dinis Dias da Silva, casado com D. Maria de Lurdes Neto Gomes e Albano Dinis da Silva, casado com D. Maria da Nazaré Silva.

com grande acompanhamento para o cemitério de Sarzedas de S. Pedro, foi uma verdadeira manifestação de pesar.

**O POÇO DO SANTO**

(continuação da pág. 7)

histórico não poderia aperceber-se.

Ei-lo!... Furtivamente, aproximou-se do "Poço do Santo"... Está completamente só, no planalto... Um tanto a medo, utilizando a roçadeira com que viera ao mato, o Manuel Francisco foi forçando a argamassa do paredão, para libertar os primeiros tijolos. As pancadas que ia dando ganharam, a certa altura, o som de uma superfície oca, o que começou a intrigar o pobre homem. Mas, apesar da rijeza da argamassa, os tijolos, maciços e inteiros, lá iam ficando soltos, um a um...

— Alto! Há aqui qualquer coisa! — comentou de si para si o Manuel Francisco — Parece que há aqui uma toca.

Assustadilha, uma lagartixa enfiou-se numa fresta, por entre as pedras do beiral. Depois, foi a resalhada feita por uma pedra que esvalou pelos fetos e se quedou num leito de relva.

De roçadeira em riste, raspando, ferindo a parede, forçando as pedras como se manesasse uma alavanca, o nosso homem lá foi forçando a resistência da construção.

— Raio — praguejou — ainda quebro a foice!

Mas, insistindo, deu consigo a descobrir a existência de um nicho, o qual já deixava ver, ao alto, a ciência do pedreiro que, lousa a lousa, acertara, afeiçoando a primor, o fundo do esconderijo.

— Espera! — comentou — Isto parece-se com as "alminhas" que por aí há nos caminhos... É capaz de haver no fundo uma dessas pinturas que semelham as das

igrejas. Porque teriam tapado isto?

E, pancada aqui, pancada acolá, forçando a resistência de mais alguns tijolos ligados pela sólida argamassa de cal e areia, o atrevido foi rasgando o buraco, até que viu brilhar a cabeça de uma imagem.

Parece dourada, embora estivesse recoberta de pó da argila e da argamassa que acabava de ser esboroadada.

— Céus — bradou inquieto, agora já olhando à cautela, em redor, para depois serenar perante a certeza de que continuava só no vasto planalto — isto parece que tem aqui uma obra de arte, talvez uma relíquia.

E sófrego, quase tremendo, redobrou os esforços até que conseguiu ver, em corpo inteiro, uma linda imagem dourada de Santo António, com o menino ao colo.

— Meu Deus! Mas isto é latão ou... é ouro — comentou, num temor crescente.

As suas manípulas foram afastando o pó que cobria a imagem, que continuava bem fixa na base.

— É um santo de ouro! — disse, quase em voz alta, para si próprio.

Ficou assustado. As suas mãos pareciam "engadanhadas" ao tocar na estatueta.

Estranho!... Estava em alvo-roço de alegria e medo...

Sentiu-se inquieto, mesmo amedrontado. Deu-lhe um quebranto nervoso, caiu num susto medonho.

— Mas que faço eu?... Que tentação é esta?... E se Deus me castiga?... Afinal, isto... isto... esta figura é a de um santo!... Valha-me Nossa Senhora da Nazaré!

Não!... Pilhar os tijolos é uma coisa, mas levar isto... levar o Santo... Já é contra o Céu... sair das graças do Senhor... Cair nas profundezas do Inferno... Era o que aventava o Senhor Prior, se o soubesse.

O melhor é tapar este buraco outra vez, deixar isto como estava... Mas outro o virá a descobrir... E se é ouro? Eu ficava rico!... Rico, Santo Deus!... Ah, não! Não posso fazer isso... São coisas do Demo que nos passam pelo bestunho!... Tarrenego! Mas que hei-de fazer? Isto vale muitos contos de reis... Nem a Senhora Maria tem tanto!... Isto deve valer muito mais que todos os cordões de Nossa Senhora da Nazaré...

A avidez apareceu-lhe a brilhar nos olhos. O Manuel Francisco sentia tremuras, suores frios, um formigueiro doloroso no estômago.

Suspeitoso olhou, mais uma vez, em redor. Nada! Ninguém!... Serenou um pouco.

— Tanta riqueza!... Mas se é pecado? Que raio. Que hei-de fazer?...

E, mirando a imagem, pareceu-lhe que esta também o olhava, ora interrogativa, ora bondosa, ora reprovadora.

Então, olhou o Céu, numa angústia crescente.

— Oh, meu Deus... Que faço?... Que hei-de fazer?... E o mau passadio que eu tenho aguentado toda a vida?... E o da família? Tanta fominha a gente tem "aguentado"! É um naco de broa e um torresmo... E bonda!... Quando há!... Que às vezes nem isso... Lá em casa, até a "lavagem" do porco — "colecença"! — é só

para enganar a barriga. E bem visto, bem julgado, esta riqueza estava aqui metida numa parede velha. Isto já nem é de ninguém.

Recuou em curtos passos. Respirou fundo. Recompôs-se... E resolveu-se!

Não, não seria pecado! Era a sua precisão!... Só isso!... Não, não estava a roubar ninguém...

Então, vencendo o susto, agarrou a cabeça da estatueta e forçou a escultura para a arrancar daquele nicho, secundando esse esforço com o manejo da roçadeira que de novo utilizou como cunha.

E, por fim, a imagem inclinou-se, cedendo à força que, aos repêlões, sobre ela fazia o Manuel Francisco.

Então, o nosso aguadeiro agarrou, de imediato, a esburacada sacola com que costumava proteger a cabeça quando levava para a aldeia os molhos de mato. Escondeu, de imediato, a imagem no grosseiro saco de linho e, largando tudo, abandonando os tijolos que viera buscar, sobraçou o achado e desandou, serra abaixo, quase correndo, olhares furtivos, um temor alvoroçado de criminoso a crescer em si, quase a tolher-lhe os passos.

Num momento de quebranto, julgou ouvir uma voz possante a gritar-lhe:

— Vai lá pôr o que não é teu!... Vai lá pôr o que não é teu!...

Então quase desatou a correr, tropeçando nas pedras soltas do caminho de pé posto, que conduzia às Almas Cimeiras.

Chegado aí, baixou os olhos, comprometido, não se atrevendo a fixar o velho nicho, onde um retábulo com uma pintura de

Cristo Crucificado, sempre atraía as atenções do caminhante.

Tão depressa quanto pôde, Manuel Francisco afastou-se do local, sentindo um terrível vácuo no estômago.

De novo lhe pareceu ouvir aquela voz poderosa que tanto lhe aumentara o susto:

— Vai lá pôr o que não é teu!

E o homem sentiu que lhe escorria um suor frio, que lhe tremiam as pernas, qua a distância que o separava da aldeia lhe parecia cada vez maior.

Sim, aquela voz era inquietante, o seu eco repercutia desde as montanhas até ao mais recôndito da sua alma.

Mas foi teimando sempre, vencendo o caminho, procurando não ser visto por ninguém.

E lá chegou a casa, num alvo-roço que, mais do que tudo, era o de um tremendo susto, uma crescente angústia em que se entrecrocavam avidez e sentimentos de culpa.

Já no seu casebre, lançou o santo de ouro, numa velha arca, bem carcomida. A imagem ficaria ali "até ver"...

Conta a tradição oral que este Manuel Francisco se radicou definitivamente no Coentral, onde viveu e constituiu família, não mais voltando a Lisboa para lá trabalhar, como antes, no ofício de aguadeiro.

Ficou no Coentral, onde, no entanto, ninguém lhe conheceu riquezas e onde nunca apareceu como homem de grandes posses, de teres e haveres.

— Olhe — dizem-nos no Coentral — uma filha dele casou com o Pimentel.

E de imediato nos esclarecem que o Manuel Francisco, se não ficou conhecido pelos bens de raiz que adquirisse, também nunca mais mostrou a necessidade de ir para Lisboa "ganhar uns patacos".

Ele ficou no Coentral, onde morreu já com idade avançada.

E o "Poço do Santo" ainda hoje patenteia um nicho, rasgado no paredão norte, onde se vêem sobrepostas, acamadas com intencional acerto e alguma arte, as estreitas lousas que servem de fundo ao pequeno recanto onde caberia, realmente, uma imagem sacra de tamanho médio.

Quanto à história que se conta, ela terá entrado no domínio das lendas serranas, mas a verdade é que nunca ninguém viu o santo de ouro.

— Vai lá pôr o que não é teu!... Vai lá pôr o que não é teu!...

Esta é a frase ainda recordada pelos velhos da aldeia. E um deles apontou-nos o nicho do Poço do Santo.

— Pois é... Este sempre foi conhecido por Poço do Santo... E aquele que está ali, mesmo à beira deste, é chamado o Poço do Vento.

HERLÂNDER MACHADO

**A SEGUIR:  
A DEVOÇÃO  
DO NEVEIRO**

# PEDRÓGÃO GRANDE

— ONDE A BEIRA LITORAL ACABA!

António Mendes

Amigo de longa data, sempre franco e directo na exposição de opiniões próprias, topou-me há dias na "Baixa" lisboeta e, após forte abraço, logo me atirou:

— Ó pá, tanto me gabaste Pedrógão Grande e, afinal, quando lá passei, no mês passado, achei a terra tão vulgar que se não me tivesses falado nela me teria passado completamente despercebida!

Após breve espanto, entrei a cismar. Mas rapidamente achei a chave do que me parecera um enigma — já que o meu amigo não é rapaz indiferente às belezas naturais — e ripostei-lhe:

— Mas, ouve lá, tu pasaste... ou visitaste?

Que passara, claro! Recta longa a convidar à carregadela no acelerador, casas alinhadas à esquerda, campos de cultivo à direita! Mas — retornou — nada de especial que não se encontrasse por esse Portugal fora.

A descrição confirmou as minhas suspeitas. O rapaz limitara-se a percorrer a Estrada Nacional n.º 2 que ladeia a vila, troço a que os pedroguenses dão o nome de "variante".

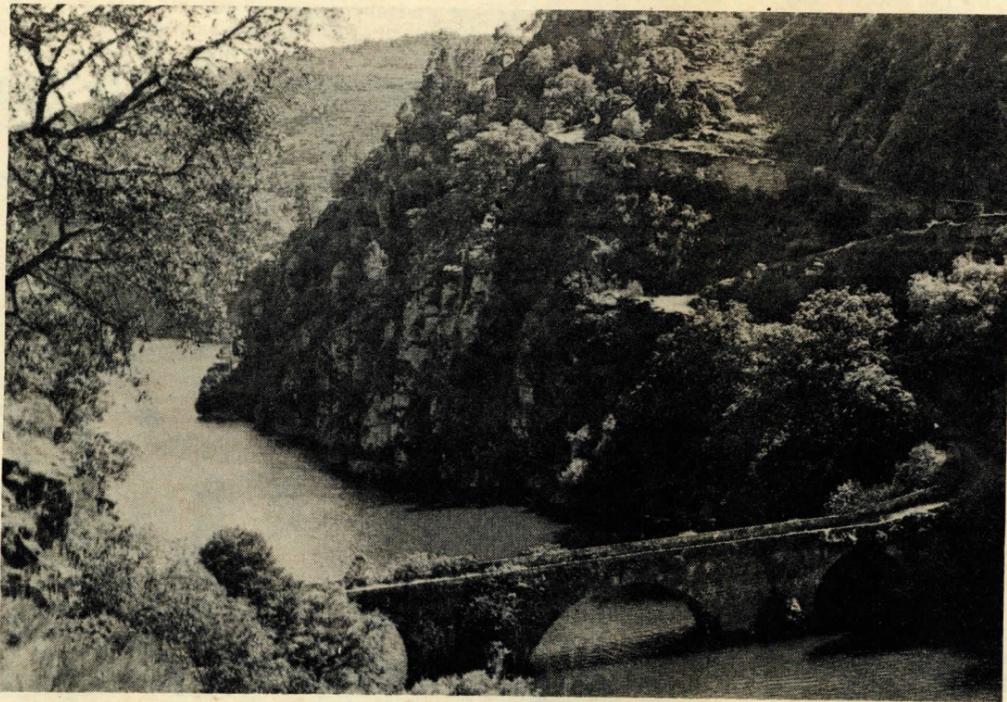
Despedi-me dele combinando passeio ao local, oferecendo-me servir-lhe de cicerone.

Mas, porque a ocasião pode não surgir, proponho-me dar-lhe aqui uma pequena ajuda, que, se for útil a outros demandadores de tais paragens, tanto melhor... que o que é bonito é para se ver!

No que diz respeito à vila, sugiro uma visita à igreja matriz.

Construída no século XII, sofreu várias modificações, sobretudo em 1537/39, período durante o qual, sob a direcção de mestre Jorge Brás, foram totalmente refeitas a ousia, as naves e a sacristia, daí o cunho quinhentista que ainda preserva.

O corpo central da fachada é constituído pela torre sineira. Tem 3 corpos distintos a que correspondem interiormente as naves, cobertas por tectos de madeira. Notáveis são os tramos, preenchidos por arcaria



de volta inteira, assente em dez colunas de granito, de ordem jónica.

O púlpito, lavrado, ostenta a data da construção, 1536.

As paredes são revestidas de notáveis azulejos do século XVII.

No adro, de terra batida, ergue-se o pelourinho, constituído por uma coluna sem ornamentação, assente em 4 degraus, rematado por um motivo esférico.

Faz-lhe companhia um busto do padre Ferreira, durante muitos anos à frente da paróquia e recentemente falecido.

Na Devesa, enorme terreiro ensombrado por formosas tileiras e onde, para além de um pequeno jardim, o espaço é aproveitado para feira, localizam-se as ermidas do Calvário e de S. Sebastião.

Uma certa assimetria em relação ao vasto espaço em que estão enquadradas e alguma falta de imaginação quanto à forma de lhes dar realce concorrem para que possam não ser notadas pelo visitante menos atento.

E, no entanto, é de salientar o altar em talha dourada setecentista que pode ser contemplado na segunda daquelas ermidas.

Já que falamos de casas de culto, impõe-se uma visita à

da Misericórdia, cuja fachada apresenta frontão triangular e porta seiscentista coroada por um nicho. Ladeia este nicho um varandim com alpendre, do qual rompe a torre sineira.

Mas nem só de igrejas se deslumbra o visitante!

Continuando na estrada que segue para a Sertã ou Cernache do Bonjardim, encontra-se, à direita, uma placa indicativa do caminho para a ermida de Nossa Senhora dos Milagres. Se o templo, em si, nada tem de especial, salvo um escadório de construção recente, já a sua localização não permite que a esqueçamos.

Pitorescamente situada no cume de um outeiro piramidal, domina de uma altura de mais de 200 metros a ravina do Zêzere. A paisagem, um tudo nada agreste, é de uma beleza surpreendente. Pena é que os inúmeros fogos que vêm devastando a região tenham deixado cicatrizes tão profundas no verde dos pinhais circundantes.

Escorregando mesmo à beira da ermida, e sem que a sua existência esteja dignamente assinalada, mergulha a antiga estrada no profundo vale por onde corre aquele rio.

O caminhante que ganhe coragem para arrostar os sil-

vedos e outros arbustos que já minam tão assombrosa via de comunicação não dará, apesar de tudo, por mal empregado o seu tempo. Não deixará, porém, de lamentar que a incuria dos responsáveis não tenha evitado os desabamentos que começam a talhar tão notável via e as depredações na ponte que liga ambas as margens do rio. A ponte, de origem seguramente medieval, tem 72 metros de comprimento e 26 de altura. Diz-se ter sido construída sobre os restos de uma antepassada romana, hipótese muito plausível se se tiver em conta a existência de um caminho e de outra notável ponte na vizinha vila da Sertã, obras de arte sem dúvida construídas por aqueles invasores da Lusitânia.

Mas, voltando à ponte do Cabril, está-se perante uma obra notabilíssima, tanto pelo arrojado da sua localização como pelo enquadramento em cenário de arrogância e rudeza sublimes.

É sem dúvida mais um pedaço do "Portugal desconhecido que espera por si".

Algumas centenas de metros a montante ergue-se a Barragem do Cabril, das mais altas do País.

(continua na pág. 10)

## PRIMEIRA PEREGRINAÇÃO NACIONAL DOS MILITARES PORTUGUESES A FÁTIMA

Organizada pela Capelania-Mor das Forças Armadas, realizou-se nos passados dias 21 e 22 de Outubro, a Primeira Peregrinação Militar Nacional a Fátima, na qual se incorporaram cerca de seis mil militares, dos três ramos das Forças Armadas, além de representantes da Guarda Nacional Republicana, da Polícia de Segurança Pública e da Guarda Fiscal, bem como muitos familiares dos peregrinos que ali se deslocaram para se juntar com eles.

Os actos da peregrinação foram presididos, no dia 21, pelo capelão-mor, coronel Joaquim Luís Cupertino e, no dia 22, pelo Senhor Cardeal-Patriarca de Lisboa, Vigário Castrense das Forças Armadas.

Nesta peregrinação, convergiram para Fátima representações de todas as unidades militares do País, deslocando-se em veículos militares. O Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, fez-se representar pelo General Salazar Braga e os Chefes dos Estados-Maior da Marinha, Aviação e Exército também se encontravam representados.

No dia 21, o capelão-mor das Forças Armadas recebeu os peregrinos militares e presidiu aos actos desse dia, que incluíam um coro falado junto da Capela de Santo Estêvão, no Calvário Húngaro, uma procissão de velas e uma velada nocturna.

No dia seguinte, de manhã, realizou-se, no Centro Pastoral Paulo VI, uma celebração penitencial e, às 11.30 h, os peregrinos militares concentraram-se junto à Cruz Alta, onde aguardaram a chegada do Senhor Cardeal-Patriarca.

Aí, Sua Eminência foi saudado pelos militares presentes e, após a paramentação, seguiu em cortejo para a Capelinha das Aparições, onde presidiu à solene concelebração eucarística. Na altura própria, D. António Ribeiro dirigiu-se aos militares presentes. Após uma palavra de saudação, salientou que esta era a primeira peregrinação militar nacional a Fátima e que ela era um sinal de fé, por isso os saudando como homens de fé. Recordou depois que Cristo é a luz que ilumina todo o homem que vem a este mundo e que a mensagem da Virgem, naquele lugar, era a mesma da sua intervenção nas Bodas de Caná: "Fazei tudo o que Ele vos disser", pois Nossa Senhora aponta sempre e sempre encaminha para Cristo Jesus. Por fim, o Senhor Cardeal focou a acção do Vicariato Castrense na assistência religiosa aos militares, apesar da dificuldade de recrutamento de novos capelões, em virtude da escassez de padres novos, mas que, até agora, a Igreja tudo tem feito para estar presente junto dos que servem a Pátria nas Forças Armadas.

No final da celebração, o Vigário Castrense das Forças Armadas Portuguesas benzeu uma imagem de Nossa Senhora de Fátima para ser oferecida às Forças Armadas Francesas.

## DIA MUNDIAL DA POUPANÇA

Instituído para chamar a atenção das pessoas, em geral, sobre a importância da criação de hábitos de poupança, este dia vai cíclicamente aparecendo no calendário de cada ano e, em muitas partes, passando até, tantas vezes despercebido.

Não aconteceu assim, este ano, em Castanheira de Pera, onde a Gerência da Caixa Geral de Depósitos desta vila resolveu assinalar a data, oferecendo um magusto a todas as crianças das escolas primárias do concelho. Para o efeito a referida Gerência deslocou-se a cada uma das escolas, onde fez a entrega do referido magusto e, na mesma oportunidade, ofereceu um exemplar de

um livro, em banda desenhada, sobre o tema da poupança, à biblioteca de cada escola.

Sabendo-se como são necessárias grandes coisas para fazer uma criança feliz, esta iniciativa da Gerência da Caixa Geral de Depósitos da nossa vila é francamente louvável, pois proporcionou horas de alegria e são divertimento — como são as dum magusto — às crianças em idade escolar do nosso concelho, ao mesmo tempo que lhes chamou a atenção para a importância do tema da poupança.

Pela nossa parte, desejamos manifestar o nosso aplauso por esta iniciativa que reputamos feliz.

### ADÉRITO A. TAVARES DOS SANTOS

COM ESTABELECIMENTO DE: FERRAGENS  
FERRAMENTAS  
TINTAS  
VERNIZES  
ELECTRODOMÉSTICOS  
TELEFONE 44439  
3280 CASTANHEIRA DE PERA

### MANUEL PEDROSO SIMÕES

INDUSTIAL DE ALFAIATARIA  
E  
MEDIADOR DE SEGUROS DAS COMPANHIAS  
BONANÇA, EP  
SUN-INSURANCE OFFICE, LTD.  
TELEFONE 44498  
3280 CASTANHEIRA DE PERA



### AUTO S. DOMINGOS

OFICINA DE REPARAÇÕES DE AUTOMÓVEIS  
DE ZUZARTE E SILVA  
GRANDES STOCKS

Óleos: CASTROL e BP

Baterias: TUDOR

Moto-Serras: McCULLOCH

TELEFONE 44364

3280 CASTANHEIRA DE PERA

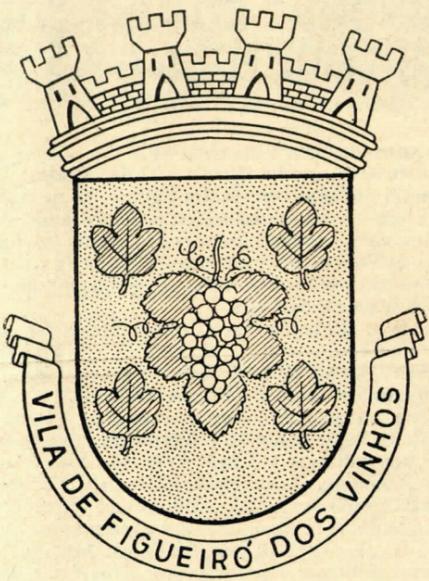
### AUTOMÓVEIS DE ALUGUER

PRAÇA VISCONDE DE CASTANHEIRA DE PÊRA

PROPRIETÁRIOS	TELEFONES
ANTÓNIO REDONDO DA COSTA	Praça — 44358 Res. — 44358-E
ANTÓNIO DA SILVA CAETANO	Praça — 44241 Res. —
ISALTINO DA CONCEIÇÃO	Praça — 44492 Res. — 44371
JOSÉ ALVES HENRIQUES EIRAS	Praça — 44241 Res. —
JOSÉ DAS NEVES BERNARDO	Praça — 44241 Res. —
MANUEL ALMEIDA NEVES	Praça — 44154 Res. — 44333
MANUEL SIMÕES	Praça — 44154 Res. — 44323

SERVIÇO PERMANENTE PARA O PAÍS E ESTRANGEIRO

# FIGUEIRÓ DOS VINHOS



## PELA SEDE DA COMARCA FIGUEIRÓ VINHOS

Nota de abertura

Convidado a colaborar neste novo órgão da imprensa regionalista, faltou-me a coragem para declinar tão honroso convite. Aceitei portanto, alinhar com o grupo de ilustres pares que se uniram para vivificarem a chama do jornalismo em Castanheira de Pera.

Pessoa amiga, ao formular o convite, apelo para um certo sentimentalismo que de facto me liga a Sarzedas de S. Pedro, onde passei parte da minha infância e adolescência, e Castanheira, onde prestei provas da minha modesta 4.ª classe. Seria fácil ligar a aceitação a esse sentimento, com aquele brasileiro tão simples: "é isso aí"... Contudo, existem outras razões muito mais fortes pelas quais se tem orientado a minha descolorida colaboração em vários órgãos da imprensa diária e não-diária. Efectivamente os meus escritos visam uma certa finalidade, nem sempre conseguida, que é uma maior aproximação entre as pessoas, especialmente de terras limítrofes, que neste caso concreto será a tentativa de tornar os habitantes da Comarca mais conhecidos entre si.

Se alguma coisa conseguir neste campo, já valerá a pena para eu poder dar como útil a minha participação no quadro redactorial do "Jornal de Castanheira de Pera" ao qual desejo longa vida, saudando todos os que nele trabalham, na pessoa do seu ilustre Director a quem a causa do regionalismo muito deve.

Fernando Simões Pires

## PEDRÓGÃO GRANDE

(continuação da pág. 9)

A sua albufeira, que quase atinge a Pampilhosa da Serra, enquadrada em cenário pujante, mas não isento de suavidade, desperta para a prática dos desportos náuticos.

Ladeada por abundante floresta, vê começarem a acorrer às suas margens quer os pescadores fluviais, à espreita de peixes, quer aqueles que procuram na contemplação das suas águas, de reflexos verde-acinzentados, o bálsamo para os nervos combalidos para a tensão do dia-a-dia.

Unidades hoteleiras, espreitando o "furo", começam a fazer sentir a sua presença e um parque de campismo camarário de fresca data con-

## TURISMO

### O TRIÂNGULO DO FUTURO

Hoje está provado (é a experiência que o diz), que não é possível promover turismo de qualidade e com rentabilidade, a nível de comissões concelhias. Só a nível de zonas ou regiões será viável a promoção turística.

Se um dia os responsáveis pelos destinos dos concelhos de Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos e Pedrógão Grande se quiserem debruçar sobre o momento problema que é uma das maiores fontes de divisas, poderão verificar que, unidos, têm à sua mão um manancial de potencialidades turísticas ainda inaproveitadas. Estamos a pensar num triângulo turístico que teria por vértices a serra da Lousã, albufeira do Cabril e Foz de Alge. O clima é ameno e o suposto triângulo situa-se em cotas de altitude que variam entre 400 e 1200 metros, dentro daquilo

que se pode considerar clima temperado de média altitude.

Temos a consciência que não estamos a sonhar, e a certeza de que não se trata de uma ideia utópica, mas também sabemos que só com muito querer e igual perseverança se poderá estruturar e pôr de pé uma realização destas, que logo à partida, iria colidir com os interesses dos organizadores da grande regionalização turística do país, que pretendem que estas terras do interior sirvam como simples etapas dos passeios organizados por eles, ficando por lá o maior índice de ocupação de camas, que em termos de rendimento é o mais compensador.

Que os autarcas do interior do país se lembrem que para as suas terras, **nem oito nem oitenta**, no meio é que está a virtude.

## NOTA ESTUDANTIL de um castanheirense

### APONTAMENTO NO PASSADO

Quando me debruço sobre as recordações do passado, as imagens aparecem-me tão lúcidas, mas ao mesmo tempo tão desasossegadas e irrefutáveis, que a determinação de relembrar toda uma vida escolar é natural e espontânea...

A toda uma vida escolar está subjacente uma perspectiva pessoal, oriunda de um conhecimento adquirido ao longo dessa escalada...

Em tempos afastados, escolaridade obrigatória seria talvez uma obrigação própria de uma

**PEDRÓGÃO GRANDE  
NOVAS INSTALAÇÕES  
PARA A AGÊNCIA  
DA CAIXA GERAL  
DE DEPÓSITOS**

correm para o brotar de um novo centro turístico, de múltiplos atractivos.

A descrição já vai longa e, se bem que outros recantos mereçam anotação, fico-me por aqui. Dou, assim, oportunidade ao leitor para usufruir do prazer da descoberta própria.

Um só apontamento final: se esta despreziosa descrição vos parecer eivada de bairrismo balofo importa esclarecer que o autor destas linhas é um lisboeta genuíno, sem costela pedroguense. Se algo o embebeçou, foi apenas o que a Natureza mostra, o homem construiu e a amizade de amigos locais proporcionou.

ANTÓNIO MENDES

## VISITA MINISTERIAL

Figueiró dos Vinhos, no dia 21 do mês corrente, recebeu a visita do senhor Ministro da Administração Interna, que aqui se deslocou a convite da Câmara Municipal, a fim de proceder à inauguração do novo edifício do Gabinete de Apoio Técnico (G.A.T.) e de um pavilhão poli-desportivo na freguesia de Arega, visitando ainda as obras da casa da Junta de Freguesia e Posto Médico de Aguda.

O G.A.T. que foi criado para servir as Câmaras Municipais de Alvaiázere, Ancião, Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos e Pedrógão Grande, dispõe agora de um dos melhores e mais funcionais edifícios do país, no seu género.

Acompanharam nesta visita a Figueiró o titular da pasta da Administração Interna, o Governador Civil do Distrito de Leiria, o Vice-Presidente da Comissão Regional do Planeamento do Centro, e senhor Mário Correia, um castanheirense que é o actual coordenador da Direcção-Geral dos Desportos em Leiria.

Além do anfitrião, senhor José Simões de Abreu, Presidente da Câmara de Figueiró, notamos a presença, entre outras, dos Srs. Presidentes das Câmaras de Castanheira de Pera e Pedrógão Grande, Júlio Henriques e Coelho, respectivamente.

Aquele membro do Governo, teve ainda a oportunidade de visitar o quartel dos Bombeiros e as obras de construção da Filarmonia e do Lar da Terceira Idade.

Nota final: Sabemos que é ao noticiário que compete procurar o acontecimento e relatá-lo com o rigor possível. Todavia, o correspondente de imprensa, sobretudo na província, não vive do jornalismo que exerce gratui-

tamente, e por isso mesmo deve ser informado com antecipação daquilo que é de interesse para a comunidade ser relatado. Por isso se lamenta a marginalização a que tem sido votada a imprensa regional e diária, a cujos representantes não se tem oferecido, ultimamente, as mínimas condições de trabalho para cumprirem a sua missão.

F. P.



FIGUEIRÓ DOS VINHOS — Paços do Concelho e Igreja Matriz

determinada casta cultural, independente de qualquer critério social. Com a evolução social, não somente nacional como internacionalmente falando, a escolaridade passa a existir como uma questão sócio-natural, devido à expansão tecnológica e científica. Nas décadas de trinta e quarenta, a escola primária é um hábito, senão quase uma obrigação para os pré-adolescentes de então. A ideia começa a tomar forma de tal maneira, que as escolas primárias são construções óbvias e sofisticadas para a época. As escolas médias e superiores embora escassas e apenas erguidas em cidades de maior relevo, surgem nas décadas de quarenta e cinquenta como uma instituição obrigatória. Nos finais dos anos cinquenta, princípios dos anos sessenta, já se presenciam nas

preparatório impõe-se de tal forma que toda a geração nascida nos anos sessenta faz parte activa da paisagem urbana.

Castanheira de Pera, um concelho vasto, é contagiado com o sucedido a nível nacional, provando esse facto todas as escolas primárias existentes de norte a sul do concelho, num trajecto que se situa desde a freguesia do Coentral até à localidade das Sarzedas.

O ensino secundário surge em Castanheira de Pera como consequência da evolução do concelho, tendo conhecido várias instalações até se fixar no edifício da actual "ESCOLA SECUNDÁRIA DE CASTANHEIRA DE PÊRA". O edifício dos bombeiros voluntários é parcialmente ocupado em finais dos anos ses-

enta, tomando por essa altura a vila uma nova "vida", não só pelo aparecimento diário de dezenas de rapazes e raparigas, convergindo dos vários pontos do concelho, mas também pelo avívem permanente dos jovens que lo-gravam, não só visitar o jogo dos "matrecos", como a quase totalidade da vila de Castanheira, nos denominados "furos".

O novo edifício do antigo "EXTERNATO DE S. DOMINGOS" é o elo final de toda uma cadeia, abrindo assim um final risonho para os jovens de Castanheira de Pera como concelho, dando início a uma época, não só pelas tradições que já possui, como pela "dimensão" da instituição que é.

PEDRO TOMÁS

**LEIA  
ASSINE  
E  
DIVULGUE**

**O JORNAL  
DE  
CASTANHEIRA  
DE PÊRA**

ruas das vilas interiores o movimento de algumas dezenas de jovens a "caminho" do ensino preparatório e secundário.

O ensino obrigatório do ciclo

## COENTRAL

ANIVERSÁRIO

No passado dia 13 de Setembro completaram 20 anos os gémeos HENRIQUE e ELVIRA VARATOJO.

Os familiares e os amigos que, no Coentral, formulam votos de Felicidades para os dois irmãos, congratulam-se com a data e desejam que, pela vida fora, possam usufruir em Cristandade as maiores venturas.



## folhetim ► FACTOS E CONTOS

### OS ALQUEIRES DE PRATA Rectificativo

Por lapso da paginação — coisa que acontece até com os profissionais da imprensa e que mais se justifica no nosso amadorismo — ficou mal colocado um período do Folhetim "OS NEVEIROS", publicado no primeiro número do nosso jornal.

Assim, depois da seguinte

passagem do texto (6.ª coluna da pág. 5):

— Quem poderia pensar, então, que este filho de neveiro viria a ser um ilustre príncipe da igreja?

(Dele falaremos noutra ocasião)

Saiu: "Diz-se que o povo ficou a conhecer esta insólita repartição de herança quando alguém pediu aos Barretos uma medida de alqueire — na qual encontrou,

entalada numa ranhura da madeira, uma moeda de prata.

E assim passou à tradição, popular a "História dos Alqueires de Prata".

Este último período deveria ter ficado, na continuação, na pág. 6 (2.ª coluna), a seguir à pergunta:

"Porque não fazer dela a sede da Junta de Freguesia? Diz-se que o povo ficou a saber... etc.



# uma presença em todo o país

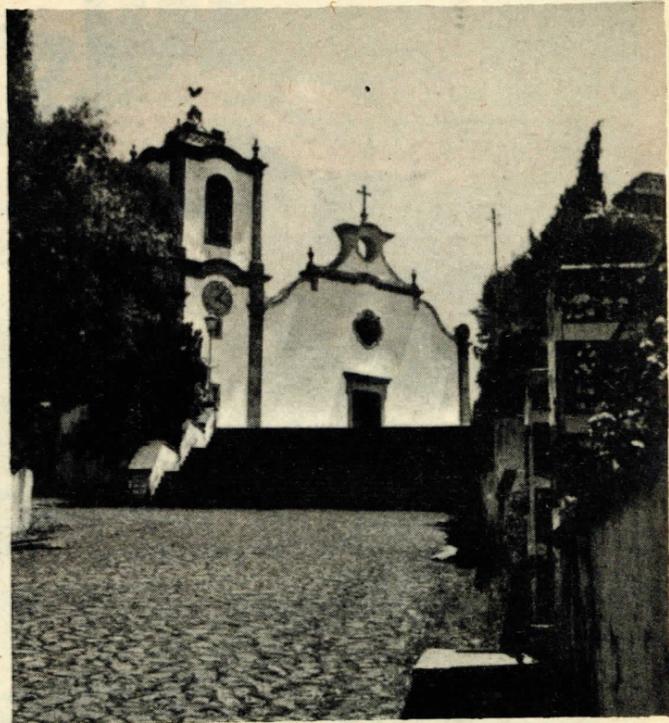
TEMOS, PARA O SERVIR, 146 AGÊNCIAS E DEPENDÊNCIAS  
Consulte-nos. Dar-lhe-emos todas as informações  
e o apoio de que necessitar.

Balcões BNU mais próximos  
do concelho de Castanheira de Pera  
COIMBRA GÓIS LEIRIA SERTÁ TOMAR

**BANCO NACIONAL ULTRAMARINO**  
*da experiência para o futuro*

memórias e confidências de Miguel Trevim

**NO ADRO DA IGREJA**



Só, no adro da igreja, extasiado, feliz, sentimental...

Nesta tarde límpida, deixo correr os olhos pela paisagem envolvente e a minha imaginação faz-me recuar no tempo, para épocas que eu não vivi, mas que pressinto e desejo evocar.

O vento comunica uma melodia bem característica ao denso folheto das carvalhas do largo da igreja... E essa musicalidade tocante embala-me o pensamento que se encaminha para o passado... Aqui, neste mesmo local, sentou-se meu pai, em criança.

Avistando a aldeia, deixando correr o olhar pelos milheirais alourados, vendo os socalcos da serra, observando o ziguezaguear dos carreiros centenários, prendendo-me à limpidez terna do horizonte, entregando-me à contemplação de uma paisagem rústica em que o verde-acastanhado do mato e do fragueado me sugerem uma imutabilidade do quadro geográfico, sinto a alma dominada por um saudosismo irresistível.

Estou só, inteiramente só, neste momento em que sinto a vida em beleza suave, em emoção profunda e calma. Mas uma evocação do passado parece compensar a minha solidão... Há momentos em que a imaginação criadora é, afinal, a mais adorável companhia. Ela preenche todas as lacunas, trazendo-me um sentimento de saudade, perante uma paradoxal lembrança daquilo que não conheci.

Quase diria que consigo vislumbrar as gentes de outrora, a mourear por esses campos, regando com o seu suor o mesmo terreno onde agora pressinto uma fidelidade secular ao quadro tradicional das culturas.

E os sinuosos carreiros da serra, esboroados pelo tempo, parecem lembrar-me as peugadas de tantos que já deixaram a vida. Por ali passaram sucessivas gerações, ajoujadas sob os molhos de mato e de carqueja roçados no logradouro comum, onde os rebanhos pastavam livremente...

... Ontem... Hoje... Amanhã...

Daqui, do adro da igreja, miro e remiro a serra brava, com amor, com ternura, pensando que, palmo a palmo, várias gerações a conheceram e lhe chamaram sua.

Sinto a emotividade da evocação a determinar um respeito irresistível pelos antigos povoadores da aldeia e os meus olhos fogem teimosamente para a contemplação daquele morro, onde os ciprestes se elevam acima de um muro enegrecido que esconde as sepulturas singelas de quem pugnou pela sua terra, assegurando um património, para bem merecer na morte a veneração dos homens de hoje.

Fico sereno. Do adro da igreja veem-se milheirais e ciprestes... Meu Deus, mas porque me vem esta tristeza?



Ilustração

de JOSÉ PÁDUA

NUNO BERMUDES

**FLORES, FLORES E MAIS FLORES**



"Há-de haver sempre meninos a chorar ao pé do velho cão morto."

CRISTOVAM PAVIA

**S**IM, naquela manhã primaveril de Junho — já lá vão vinte anos —, com pássaros cantando e gafanhotos pulando alegremente na relva dos quintais, foi que me touxeram o corpo sem vida do meu cão.

Vinha numa velha caixa de madeira, piedosamente coberto com um pedaço de pano colorido.

Como se dormisse ainda o sono da noite.

Como se, a todo o momento, o

fosse ver levantar-se e correr, no seu trote de potro, direito ao quarto das crianças.

Como se dos seus olhos, entreabertos e vítreos, um resto de luz desprendesse e me iluminasse como sempre.

Porque o carro que o atropelou não matou um cão apenas, mas o companheiro dos meus filhos, o fiel camarada de todos os seus jogos e o escravo voluntário de uma tirania que, estranhamente, aceitava, sorrindo — porque ele sabia sorrir — e amava — porque ele sabia amar.

Na velha caixa de fruta, o seu pequeno corpo morto, quente ainda, num jeito de renúncia inteira, naquela manhã primaveril de Junho, com pássaros cantando e gafanhotos pulando alegremente na relva dos quintais, deu-me a dolorosa e trágica impressão de que Deus fora injusto ou de que Deus dormitara por um instante — um instante que bastara para que o Demónio, ao volante de um automóvel, roubasse aos meus filhos o seu maior amigo, o bichinho que, um dia, viera para a nossa casa, enchendo-a com a sua lealdade e a sua juventude.

E não, não acuso o condutor infeliz que nem sequer cheguei a conhecer, que nem sequer parou o carro e foi olhar a sua obra.

Não, não o acuso.

Só lhe peço, em nome dos meus filhos e de todas as crianças do Mundo, que não poupe mais os seus travões, a borracha dos seus pneus e que, sobretudo, se a Morte voltar a sentar-se a seu lado — e ela senta-se ao lado de qualquer um e em qualquer parte —, que, ao menos, conte como foi.

Não adianta, é certo, porque vida perdida não volta, mas fica-se com o pobre consolo de saber que, em lugar de um assassinio, o que houve foi um fortuito desvio do destino.

O nosso cão lá ficou enterrado no quintal, à sombra de uma árvore, então jovem como ele.

E, se é verdadeira a voz do povo que diz que "sempre se colhe conforme se semeia", alguém há-de colher, um dia, naquele pequeno rectângulo de chão, flores, flores e mais flores...

O RANCHO FOLCLÓRICO

**NEVEIROS DO COENTRAL**

do Concelho de Castanheira de Pêra  
vai actuar no Concelho de Torres Vedras

Como freguesia rural piloto, FREIRIA, no Concelho de Torres Vedras recebe em 18 de Dezembro O SENHOR MINISTRO DA CULTURA.

A recepção, organizada pela Junta de Freguesia da Freiria e pelo Freiria Sport Clube realiza-se nas modelares instalações desta agremiação desportiva. Está programada a actuação dos NEVEIROS DO COENTRAL, durante uma hora.



OS NEVEIROS DO COENTRAL durante a sua última actuação em Castanheira de Pêra